



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPG-GEO**

ALEXANDRE DA SILVA COSME

O VIVER EM BONFIM - RR: A PERCEPÇÃO EM UMA ÁREA FRONTEIRIÇA

BOA VISTA, RR

2017

ALEXANDRE DA SILVA COSME

O VIVER EM BONFIM – RR: A PERCEPÇÃO EM UMA ÁREA FRONTEIRIÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima (PPG-GEO), como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Geografia.
Linha de Pesquisa: Produção do Território Amazônico.
Orientadora: Prof. Dra. Maria Barbara de Magalhães Bethonico.
Co-Orientador: Prof. Dr. Vladimir de Souza

BOA VISTA, RR

2017

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

C834v Cosme, Alexandre da Silva.
O viver em Bonfim-RR: a percepção em uma área fronteira /
Alexandre da Silva Cosme. – Boa Vista, 2017.
118 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Barbara de Magalhães Bethonico.
Coorientador: Prof. Dr. Vladimir de Souza.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima,
Programa de Pós-Graduação em Geografia.

1 – Fronteira. 2 – Bonfinenses. 3 – Percepção. I – Título. II –
Bethonico, Maria Barbara de Magalhães (orientadora). III – Souza,
Vladimir (coorientador).

CDU – 911.375.5

ALEXANDRE DA SILVA COSME

O VIVER EM BONFIM - RR: A PERCEPÇÃO EM UMA ÁREA FRONTEIRIÇA

Dissertação apresentada ao, Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima (PPG-GEO), como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Geografia. Área de Concentração: Produção do Território Amazônico. Defendida em março de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Barbara de Magalhães Bethonico
Orientadora - Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Artur Rosa Filho
Membro – Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras
Membro – Southern Cross University, SCU. (Austrália)

Prof. Dr. Ismar Borges de Lima
Membro – Turismo - UERR

Prof. Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras
Suplente – Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima

Com amor e carinho a Deus, minha família, meu pai Francisco Cosme (*in memoriam*), meus amigos, que juntos sempre me incentivaram para chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter dado saúde e força para superar as dificuldades.

Ao meu pai Sr. Francisco, que está descansando na companhia de Deus.

À minha mãe Sra. Aldenir, a minha esposa e companheira Jéssica, e aos meus filhos Victor Alexandre e Ana Mel, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Barbara de Magalhães Bethonico e o meu co-orientador, Prof. Dr. Vladimir de Souza, pelo suporte concedido, suas correções e incentivos.

Aos meus amigos Vera Mônica Araújo Soares e Francisco Monteiro, que concederam força e incentivo nesta jornada.

Ao PPG – GEO, que oportunizou a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, meu muito obrigado.

Sabemos que, se inclinarmos reflexão no tempo de “ser”, perceberíamos que as pessoas, de idades e interesses diferentes como também mergulhadas de formas distintas no movimento diário, aproveitam e vivenciam as 24 horas do dia com ritmos diferenciados.

(Rafael da Silva Oliveira)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado baseia-se em um estudo sobre as relações estabelecidas em áreas de fronteira, destacando-se Bonfim – RR, num contexto do espaço vivido. Diante disso, o objetivo geral é avaliar a percepção dos moradores do perímetro urbano do município de Bonfim-RR em relação à área fronteira, entre Brasil e a República Cooperativista da Guiana. Como objetivos específicos busca-se caracterizar percepção e fronteira no contexto geopolítico da cidade, identificar as relações estabelecidas entre os moradores dos dois lados da fronteira, apontar os elementos positivos e negativos na relação que se estabelece com a outra fronteira e analisar a relação da população com o rio Tacutu, enquanto elemento da paisagem e marco da fronteira. Nessa perspectiva visamos o entendimento sobre as relações estabelecidas em áreas fronteiriças. Espera-se que esta pesquisa contribua para o entendimento da dinâmica do espaço e suas relações em uma área de fronteira, aumentando assim, a pesquisa científica nas diferentes linhas, sobretudo na constituição da ciência geográfica.

Palavra-Chave: Fronteira. Bonfinenses. Percepção.

ABSTRACT

This master's dissertation is based on a study of the relations established in frontier areas, highlighting Bonfim-RR, in a context of lived space. Therefore, the general objective is to evaluate the perception of the residents of the urban perimeter of the municipality of Bonfim-RR in relation to the frontier area between Brazil and the Cooperative Republic of Guyana. As specific objectives characterize perception and frontier in the geopolitical context of the city, identify the relationships established between residents on both sides of the border, point out the positive and negative elements in the relationship established with the other border and analyze the relationship of the population with the river Tacutu, as element of the landscape and landmark of the border. From this perspective we aim to understand the relationships established in frontier areas. It is hoped that this research will contribute to the understanding of the dynamics of space and its relations in a frontier area, thus increasing scientific research in the different lines, especially in the constitution of geographical science.

Keywords: Frontier. Bonfinenses. Perception.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa de localização da área de estudo.....	
Figura 2 Ponte sobre o rio Tacutu	
Figura 3 Serviços e locais públicos em Bonfim	
Figura 4 Z.L.C. como promessa de desenvolvimento a região	23
Figura 5 Acesso e Fronteira	24
Figura 6 Controle e fiscalização da fronteira	24
Figura 7 Uso e ocupação próximo as margens do rio Tacutu	25
Figura 8 Comércio em Lethem – GY.....	25
Figura 9 Fluxograma de atividades	27
Figura 10 Mapa apontando o rio como fronteira natural.....	57
Figura 11 Questão do Pirara, território atribuído ao Brasil e à Grã-Bretanha em 1904	58
Figura 12 Ponte Prefeito Olavo Brasil Filho, que interliga Brasil e Guiana.....	61
Figura 13 Lojas na cidade de Lethem	63
Figura 14 Faixa de fronteira brasileira.....	65
Figura 15 Faixa de fronteira proximidade Bonfim e Lethem.....	66
Figura 16 Rio Tacutu, marco fronteiriço entre o Brasil e a Guiana.....	67
Figura 17 Loja em Lethem, onde vende produtos voltados ao público brasileiro	70
Figura 18 Comerciante de Bonfim – RR, sendo entrevistado.....	72
Figura 19 Posto de fiscalização, da zona de livre comércio em Bonfim – RR.....	77
Figura 20 Identidade de gênero do entrevistado	78
Figura 21 Faixa etária	79
Figura 22 Residentes na área de estudo	80
Figura 23 Tempo de residência e suas contribuições	81
Figura 24 Distribuição da área de estudo.....	82
Figura 25 Nível educacional.....	83
Figura 26 Distribuição da fronteira em setores.....	84
Figura 27 Origem	85
Figura 28 A relação com a fronteira	86
Figura 29 Rio Tacutu, mostrando sua beleza natural.....	90
Figura 30 Localização da bacia hidrográfica do Rio Branco	91
Figura 31 Comércio da balsa na margem do rio Tacutu	94

Figura 32 Ponte sobre o rio Tacutu e a travessia por balsa	95
Figura 33 Mapa apontando a ponte sobre o rio Tacutu.....	96
Figura 34 Zona de Processamento de Exportação – ZPE	97

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AM	Amazonas
ALC	Área de Livre Comércio
BR	Brasil
EPE	Empresa de Pesquisa Energética
GY	Guiana
GYD\$	Dólar Guianense
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
MI	Ministério da Integração Nacional
MPRR	Ministério Público de Roraima
PPG-GEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
RR	Roraima
SEGAD	Secretaria Estadual de Gestão Estratégica da Administração
UFRR	Universidade Federal de Roraima
ZLC	Zona de Livre Comércio
ZPE	Zona de Processamento de Exportação
1º PEF	Primeiro Pelotão Especial de Fronteira
7º BIS	Sétimo Batalhão Infantaria de Selva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	17
1.2 METODOLOGIA	20
1.2.1 Fluxograma de atividades	27
2. CONCEITOS GEOGRÁFICOS: PERCEPÇÃO E FRONTEIRA	29
2.1 ESPAÇO	29
2.1.1 Espaço físico e espaço humanizado	30
2.1.2 Espaço vivido: percebido e concebido	32
2.2 PAISAGEM	36
2.3 FRONTEIRA	39
2.3.1 Formação da fronteira Brasil – Guiana	44
2.4 LUGAR E PERCEPÇÃO	47
3. A FRONTEIRA: RELAÇÕES DE UM ESPAÇO VIVIDO	55
3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS	59
3.1.1 Relações estabelecidas com o outro lado da fronteira	60
3.1.2 Relações culturais e comerciais	64
3.2 PERCEPÇÃO: PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS NAS RELAÇÕES FRONTEIRIÇAS	70
3.2.1 Pontos positivos citados por entrevistados	71
3.1.2 Pontos negativos citados por entrevistados	74
3.3 O VIVER EM BONFIM, A PERCEPÇÃO DO MODO DE VIVER	78
4. A PAISAGEM PERCEBIDA A PARTIR DA FRONTEIRA: O RIO TACUTU .	89
4.1 A FORMAÇÃO DO RIO	90
4.2 A PERCEPÇÃO EM RELAÇÃO AO RIO TACUTU	93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES	108
ANEXOS	113

1. INTRODUÇÃO

O estudo da percepção geográfica tem sido empregado por estudiosos como uma estratégia para entender a relação da população com o meio o qual está inserida e se utiliza deste espaço. Neste sentido, a abordagem perceptiva vem sendo adotada de diversas maneiras no planejamento e manejo integrado do meio em que se vive, além disso, é importante para melhor entender a conduta do homem no espaço geográfico, esclarecendo, assim, sua relação com a realidade local vivenciada.

Percepção é o conhecimento que adquirimos através do contato atual, direto e imediato com os objetos e com seus movimentos, dentro do campo sensorial (OLIVEIRA,1983).

Percebemos o aqui e o agora. Porém, é a inteligência que nos permite prescindir do aqui e do agora, pois ela é a forma de equilíbrio para a qual tendem todas as estruturas mentais, possuindo um caráter adaptativo, assimilando a realidade e acomodando-se à mesma.

Del Rio (1996) entende percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente, que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos.

Nos estudos de percepção incluem-se temas sobre a valorização de paisagens, o relacionamento afetivo com o espaço, percepção do meio ambiente, as ferramentas para compreensão do espaço vivido e como ele se dá em área de fronteira, caso deste estudo. Dentre os temas, destaca-se para esse estudo a percepção das relações com o outro lado da fronteira.

A cidade de Bonfim em Roraima possui grande relevância por estar inserida em uma área fronteira que influencia e sofre influência em sua área urbana, construindo uma relação íntima entre o crescimento de núcleos populacionais. Com o decorrer do tempo, a relação da população urbana de Bonfim passa por transformações perceptivas da forma como esses moradores percebem essa relação com a fronteira, bem como o modo como a usam.

Surgindo gradativamente novos modos de se ver esse relacionamento, imprimindo um aumento da complexidade da relação do homem e o meio fronteira,

onde a compreensão dessa relação pode apresentar-se de modo positivo ou negativo.

Bonfim localiza-se as margens do rio Tacutu, marco natural de fronteira e a franja urbana do município possui várias áreas de contato com o rio, estabelecendo uma relação profunda entre o homem e o meio, gerando assim, o modo como o homem percebe esta fronteira.

O estudo, sob o ponto de vista da sociedade urbana de Bonfim, permitirá a reflexão sobre o modo como a população percebe esta fronteira e sua função para a sociedade local.

A percepção geográfica da fronteira no município de Bonfim-RR fundamentou-se na procura de respostas para compreender os tipos de relações mantidas entre a população urbana com a fronteira e como se deu a ocupação dessa área, o crescimento da população e a forma como modifica esse meio que apresenta, muitas vezes, novas percepções.

A abordagem perceptiva nesta pesquisa contribuiu para a discussão da temática no meio científico e a adoção de estratégias junto ao poder público municipal, em relação à problemática ligada ao recorte da fronteira estudada e suas várias formas de ser percebida.

Esse estudo partiu da necessidade de compreender a relação das pessoas que habitam esta fronteira, a influência que a mesma exerceu na escolha do local de moradia e o entendimento do modo como veem o lugar que vivem, a partir da percepção, e as relações de estabilidades entre os atores que atuam na área fronteira estudada.

O desenvolvimento do núcleo urbano em Bonfim, seja através de sua população permanente seja pela demanda gerada pela população flutuante, garantiu algumas características no modo de ocupação, basicamente a expansão da malha urbana e o adensamento dos bairros de acordo com a proximidade com a fronteira, que pode ser fator de influência na percepção destes moradores.

Acredita-se que um aspecto importante a ser destacado nesta pesquisa é que os grupos envolvidos no perímetro urbano são formados por pessoas que demonstram percepções, atitudes e respostas diferenciadas em relação a fronteira do Brasil com a República Cooperativista da Guiana.

Assim, abriu-se discussões e reflexões que permitiram aprofundar os conhecimentos sobre as complexas relações que se estabelecem entre o homem e seu espaço vivenciado em Bonfim em relação a Fronteira.

Finalmente, os resultados da pesquisa buscaram oferecer à população de Bonfim – BR, a possibilidade do autoconhecimento e reflexão, do modo como se percebe a dinâmica fronteira, a mobilidade social e até sua relação com o meio ambiente, na sua relação com o rio, não como marco fronteiro, mas como um local de bem estar social.

As cidades se diferem de várias formas, dentre elas as situações que se referem às condições de vida, segregação espacial, falta de acesso ao mercado e consumo e pela falta de serviços públicos adequados, apresentando vulnerabilidade social, que se agrava em áreas de contatos de fronteiras, devido às particularidades estabelecidas entre o contato de diferentes culturas.

As ligações causadas entre as mudanças ambientais globais e desigualdades sociais no nível local contribuem para a análise social mais refinada das dimensões espaciais do ambiente local. Logo, é de suma importância entendermos que muitos dos problemas e conflitos fronteiros são gerados pela ação antrópica no modo como ele irá se estabelecer no espaço.

Dentro do cenário geopolítico de divisões territoriais em área fronteira, se utiliza, em algumas situações, de objetos naturais como rios, montanhas, vales. Na área fronteira do Brasil com a República Cooperativista da Guiana, se utiliza como marco o rio Tacutu, implicando em modos de percepção diferenciados dos moradores com relação ao rio, pelo modo que o utilizam e, por outro lado, a multifuncionalidade do rio o qual poderá influenciar, na forma que será percebido por seu usuário.

Entendendo a sociedade urbana local e o processo que envolve tanto a dinâmica social quanto as condições ambientais, a problemática se dá neste contexto, onde se propõe discutir o modo como o morador percebe o rio como divisor do espaço, marco da fronteira, divisor do território. Para os moradores de Bonfim pensarem no outro lado da fronteira, como o espaço do outro, língua, leis, entre outros, como viver próximo dessa diferença do outro lado da fronteira.

Inserido no cenário urbano, surgem questões como a gênese da cidade e seu vínculo com o rio; o porquê da cidade de Bonfim ter se formado margeando o rio Tacutu; os porquês dos moradores escolherem residir próximo a margem do rio

Tacutu, e não distante das margens muitas vezes prevenindo inundações. Ainda o modo como os moradores apresentam essa gama de percepções acerca do rio como uma fronteira, podendo apresentar percepções positivas (afetividade e aproximação, o gostar) ou negativas (aversão).

Dessa forma, podemos propor alguns questionamentos: como os moradores da área urbana de Bonfim percebem a fronteira Brasil e a República Cooperativista da Guiana? O mesmo indivíduo pode perceber essa fronteira de forma diferente? A forma como esse indivíduo está inserido nesta área urbana vai influenciar na sua percepção da fronteira? Qual o significado do rio como fronteira para a população local? Qual o significado da ponte sobre o rio Tacutu para a população da área urbana de Bonfim?

Nestas indagações sobre a temática percepção, identificou-se a necessidade de se compreender a percepção destes moradores em relação ao seu ponto de vista entre o lado brasileiro e o da República Cooperativista da Guiana na fronteira, e suas influências na produção do espaço geográfico da área urbana de Bonfim e sua população.

A presente pesquisa tem como norteamento o objetivo geral, avaliar a percepção dos moradores do perímetro urbano do município de Bonfim-RR em relação à área fronteira entre Brasil e a República Cooperativista da Guiana. Já os objetivos específicos, consistem em caracterizar a percepção e fronteira no contexto geopolítico da cidade, identificar as relações estabelecidas entre os moradores dos dois lados da fronteira, apontar os elementos positivos e negativos na relação que se estabelece com a outra fronteira, analisar a relação da população com o rio Tacutu, enquanto elemento da paisagem e marco da fronteira.

O estudo da percepção da fronteira Brasil com a República Cooperativista da Guiana no município de Bonfim-RR fundamentar-se-á na procura do entendimento da relação da população com o seu rio enquanto marco da fronteira. A abordagem perceptiva na pesquisa contribuiu para agregar acervo documental ao meio científico, à adoção de estratégias junto ao poder público municipal, bem como para a tomada de consciência dos moradores do município em relação às questões fronteiriças.

A percepção é inerente a todos os indivíduos. O ambiente está em constante transformação, seja pelos processos da natureza, sejam pelos processos sociais, econômicos, políticos e/ou culturais, configurando diferentes e mutantes

organizações de paisagens, a percepção do ambiente também possui esta dinâmica.

A investigação sobre o olhar geográfico dos moradores de Bonfim é dada a partir do viés da percepção em relacionar o homem urbano onde apresenta a transformação das estruturas espaciais com vista a compreender os relacionamentos recíprocos entre a localidade estudada e o rio na sua geografia (física, econômica, política e produtiva).

As relações estabelecidas entre os moradores da área urbana de Bonfim e a República Cooperativista da Guiana, vêm a se constituir em uma importante ferramenta para se traçar um perfil social do município em estudo, e a sua relação com os fatores sociais e ambientais. Cabe citar as questões sociais não estão isoladas de fatores tais como, meio ambiente, agricultura, emprego e renda, o fato de se realizar um estudo tão abrangente pode traçar novos parâmetros para se chegar a resultados plausíveis.

A obtenção de informações detalhadas e complexas acerca do município e a sua relação com o meio social e o ambiental e a característica de uma área de fronteira, não é uma das tarefas mais fáceis. Grande parte das informações disponíveis é obtida de forma secundária, como tabelas de censos e relatórios de órgãos públicos e privados. No município de Bonfim o problema se torna mais complexo, pois não existem muitas informações que possam contextualizar o município, bem como aqueles referentes às relações sociais econômicas entre Bonfim (Brasil) e Lethem (República Cooperativista da Guiana).

O espaço e sua formação são objetos de estudo da geografia, que aborda a configuração do espaço total, social, e seus recortes, apresentando sua dinâmica, seus problemas e contribuindo, a partir da visão geográfica.

Atualmente, encontramos estudos científicos sobre cidades como Xavier e Oliveira (1991), que abordam a temática. Ainda as cidades fronteiriças na Amazônia Setentrional (ROSA FILHO, 2013).

Ressalta-se a relevância deste estudo e espera-se que o mesmo venha contribuir para a compreensão da dinâmica estabelecida em um determinado recorte espacial situado em área fronteira e suas peculiaridades, aumentando assim, a pesquisa científica nas diferentes linhas e na própria constituição da ciência geográfica.

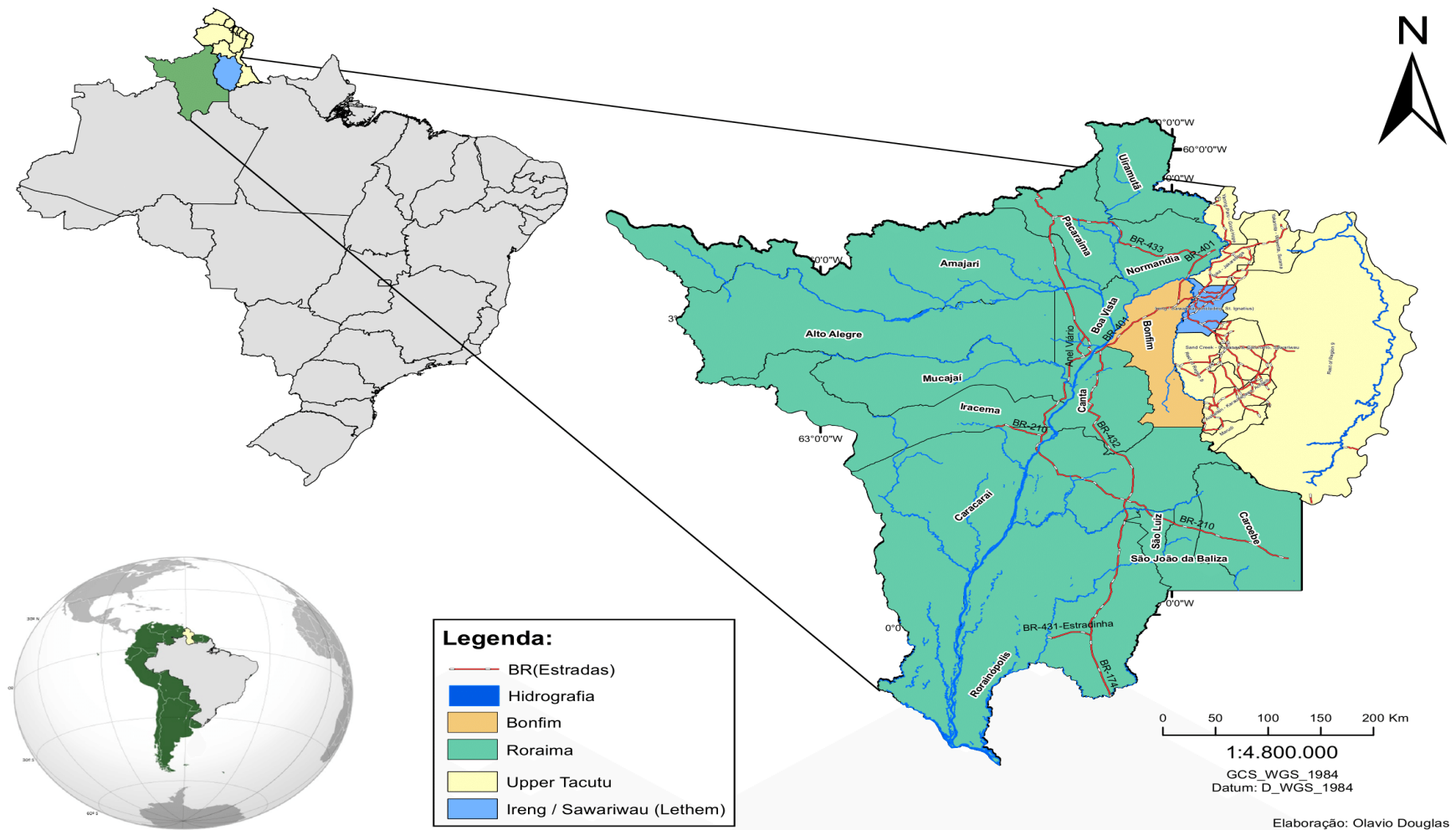
Com vistas à contribuição para a elaboração de estratégias de gestão pública que atenda essa realidade e medidas de adaptação às mudanças para se perceber sua real identidade, buscará identificar as questões da vulnerabilidade social, e fatores tais como, meio ambiente, emprego e renda, as formas de comunicação utilizadas pela população, modo de uso da fronteira aberta e o papel da Administração Regional frente às áreas fronteiriças.

Populações com culturas e línguas distintas se relacionam, tais como se dá a convivência entre os moradores de Bonfim e Lethem. Bonfim é considerado um dos municípios mais antigos de Roraima, que nos traz elementos para refletirmos, como se deu essa convivência, entre os dois lados da fronteira, neste espaço de tempo.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O município de Bonfim está situado no estado de Roraima no extremo norte do país e apresenta uma área de 8.095 km², localizado a margem esquerda do rio Tacutu. Limita ao norte com o município de Normandia, ao sul com o município de Caracarái, ao oeste com Boa Vista e Cantá e a leste com a República Cooperativista da Guiana (Figura 1 e anexo 1), a uma distância de 125 km da capital Boa Vista, seu acesso é através da BR 401 (IBGE, 2010).

Figura 1 Mapa de localização da área de estudo



Fonte: Modificado por Alexandre da Silva Cosme e Olavio Douglas da base cartográfica do Google Earth, 2016.

Bonfim surgiu no final do século XIX, com a vinda do primeiro morador a fixar-se próximo ao que hoje é a sede do município, foi o baiano Manoel Luiz Silva, que deu o nome à localidade em homenagem ao padroeiro de sua terra natal, o Senhor do Bonfim.

Bonfim foi constituído como município pela Lei Federal nº 7.009 de 1º de julho de 1982. Com uma população aproximada de 10.943 habitantes, onde 3.711 pessoas residem na área urbana do município, a cidade de Bonfim tem atraído nos últimos anos, um grande número de migrantes em busca de uma nova oportunidade de vida, principalmente da República Cooperativista da Guiana. Vários projetos do governo federal foram implementados no estado como assentamento de colonos e demarcação de reservas indígenas, citando como exemplo a ALC (Área de Livre Comércio) e a comunidades indígenas Jacamim, Jabuti e Pium. O mesmo ainda é uma das rotas de saída e entrada do país.

Este fato faz com que o município receba grande fluxo de veículos e pessoas, que muitas vezes não adentram a área urbana de Bonfim, mas a utilizam como um corredor de acesso à cidade de Lethem da Guiana. Conforme Veras et al (2013), a ponte Olavo Brasil Filho (Figura 2), sobre o rio Tacutu se destaca na planície brasileira e guianense. Possui 230 m de extensão, ligando as cidades de Bonfim e Lethem. Tornou-se um equipamento turístico que dinamizou a convergência dos dois países, unindo culturas fortalecendo as economias e diminuindo as desigualdades regionais.

Desta forma, Bonfim aponta como um importante elo e referência de integração entre as duas nações devido a sua localização geográfica, influenciando e sendo influenciada devido à relação intrínseca entre os dois lados da fronteira, que apontam a influência econômica, como fornecimento de mão de obra, comércio formal e informal, comércio formiga que ocasiona muitas vezes, a ocorrência da migração pendular, onde o trabalhador presta serviço em uma cidade e nação, diferente da que reside.

Figura 2 Ponte sobre o rio Tacutu



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

1.2 METODOLOGIA

Com relação ao método, partiu-se da escolha do tema o viver em Bonfim, a percepção em uma área fronteira, houve a definição do perímetro urbano do município de Bonfim – RR, como área de estudo. A obtenção de dados para a pesquisa se deu em três etapas. A primeira etapa refere-se à análise documental ou dados secundários para a obtenção de informações como população, sua origem, dados históricos como formação da fronteira, histórico do município, conceitos e teorias sobre fronteira, espaço geográfico, percepção, paisagem e lugar. Assim como a análise de materiais bibliográficos destacando-se dissertações, teses, e artigos em revistas científicas.

A segunda etapa refere-se à obtenção de dados primários, que foi através das entrevistas (Apêndice A e B) e observações de campo, após as primeiras observações tendo foco os moradores da área urbana de Bonfim, tentou-se traçar o perfil desse morador que tenha estabelecido moradia em Bonfim – RR por mais de 5 anos, onde esse recorte de tempo mínimo, facilitou a compreensão das relações estabelecidas entre o entrevistado e área de fronteira, distribuição dentro dos bairros

de Bonfim, escolaridade, escolaridade, profissão, através destes dados compreender a sua origem, nacionalidade, estado pertencente a própria fronteira, sua faixa etária, criando tabelas e através destas tabelas gráficos para facilitar a compreensão da dinâmicas destes indivíduos estudados. Essas características que se buscou no público alvo foi encontrada em uma pequena fatia da população estudada, impactando o “N” amostral desta pesquisa, onde o público alvo é de aproximadamente 3.711 indivíduos, população essa da área urbana de Bonfim – RR, e desse universo foram realizadas 20 entrevistas, levando em consideração que a grande dificuldade de encontrar moradores que morem a mais de 5 anos na área estudada.

Paralelamente foi pesquisada a organização espacial da área urbana através de mapas e imagens de satélite que serviram para identificar as formas de ocupação, assim como analisar a relação da população com o rio através de entrevistas, com perguntas do tipo: como é viver em Bonfim? O que você mais gosta em Bonfim? O que lhe chama atenção em Bonfim? Relações afetivas e modo de perceber este ambiente no município de Bonfim? Lugares que gosta e lugares que não gosta; eventos ou festas que participa? Se vai a Lethem e o que faz lá (compras ou algo mais)? O que acha da fiscalização que ocorre na fronteira? Acha que a ponte melhorou a vida dos moradores de Bonfim, ou gerou desemprego por causa do fim da balsa e barcos? Vai muito ao rio? Para que? Pescar, nadar, observar a paisagem?

Para uma melhor compreensão da dinâmica vivida na área de estudo, devido sua complexa relação na área fronteira, onde encontramos guianenses em território brasileiro e brasileiros em território guianense, foi necessária a utilização de entrevistas, com os moradores, como ferramenta perceptiva da sua convivência transfronteiriças com o rio Tacutu, onde o presente estudo, com foco na área urbana das cidades de Bonfim-BR, estendeu-se à cidade Lethem-GY. As entrevistas têm como objetivo compreender o modo de percepção dos moradores quanto à relação estabelecida nesta área transfronteiriças.

A entrevista consistiu em utilizar fotografias dos pontos importantes da cidade, onde esses pontos foram previamente escolhidos e divididos em grupos, serviços e locais públicos, Z.L.C. como promessa de desenvolvimento a região, acesso e fronteira, controle e fiscalização da fronteira, uso e ocupação próximos as margens do rio Tacutu, Comércio em Lethem - GY por se tratar de pontos com

funcionalidades importantes para a população estudada. Para analisar o modo como o entrevistado vê determinado objeto foram utilizadas fotografias, lhe concedendo um determinado espaço de tempo de até um minuto para cada imagem antes de fazer-lhe a pergunta da entrevista, de modo que o entrevistado pudesse refletir e buscar em sua memória lembranças do objeto exposto na imagem, sem sofrer influência da pergunta da entrevista, previamente dita.

Onde as perguntas da entrevista foram expostas de forma tardia para que o entrevistado possa melhor utilizar a ferramenta fotográfica, sendo tanto a fotografia, quanto a entrevista foram aplicadas de forma associadas, onde foram mostradas para os entrevistados, perguntando como se gosta ou não do lugar da fotografia? Ferramenta de estratégica para identificar a percepção positiva ou negativa em relação aos elementos da paisagem. Constou nos questionários perguntas abertas e fechadas e fotografias de pontos importantes da cidade (Figuras 3 e 4) para mostrar aos entrevistados sobre a área em estudo o modo como acessa a fronteira, a presença do estado como fiscalizador e controlador desta fronteira (Figuras 5 e 6), onde foi abordado ao entrevistando o modo como percebe a relação com o outro lado da fronteira (Figura 7 e 8) e suas particularidades, a distribuição espacial dos entrevistados e por fim perguntas sobre as múltiplas percepções no espaço vivido por esses entrevistados. Onde os dados e informações levantados através das entrevistas no molde semiestruturadas na cidade visitada, foram parte do arcabouço de dados para fundamentar os mapas e discussões como resultados dessa pesquisa.

Figura 3 Serviços e locais públicos em Bonfim



Terminal rodoviário municipal



Praça municipal de Bonfim



Posto policial militar



Conselho tutelar em Bonfim



Secretária municipal de saúde

Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

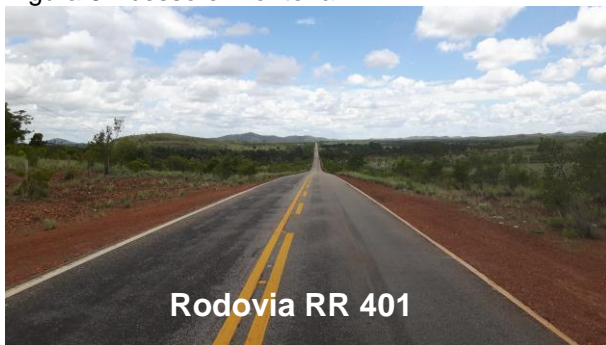
Figura 4 Z.L.C. como promessa de desenvolvimento a região



Posto de fiscalização da Z.L.C

Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

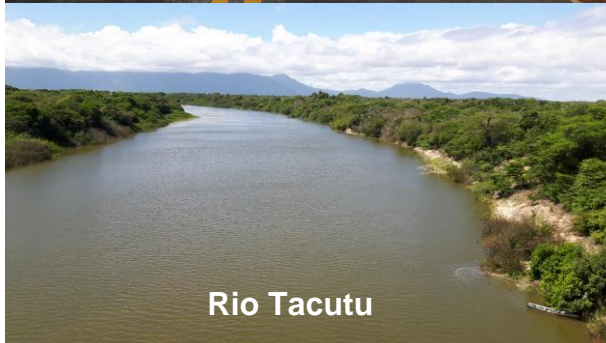
Figura 5 Acesso e Fronteira



Rodovia RR 401



Ponte Olavo Brasil Filho



Rio Tacutu



Inversão sentido de direção na fronteira

Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

Figura 6 Controle e fiscalização da fronteira



Batalhão do 7º BIS



Posto aduanheiro brasileiro



Posto fiscalizador em Lethem - GY

Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

Figura 7 Uso e ocupação próximo as margens do rio Tacutu



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

Figura 8 Comércio em Lethem – GY



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

O método de pesquisa utilizado foi o da observação, especialmente sob a forma introspectiva e a fenomenológica. Ainda entre as perspectivas teóricas, como relação ao estudo da percepção será utilizada a abordagens gestaltistas, que consiste em compreender a totalidade, configuração, plenitude, onde a totalidade envolve a relação entre o todo e suas partes, cujas relações harmoniosas e coerentes formam uma unidade significativa.

A terceira etapa consistiu na sistematização dos dados coletados, esse conjunto de dados identifica como os moradores percebem a fronteira e sua influência no modo de vida.

Assim como o estudo da relação do indivíduo com a fronteira, através da percepção dos moradores da área urbana e mapas temáticos demonstrando os diferentes usos e ocupações do solo, processamento digital dos dados onde se definiu as categorias de utilização da área em estudo.

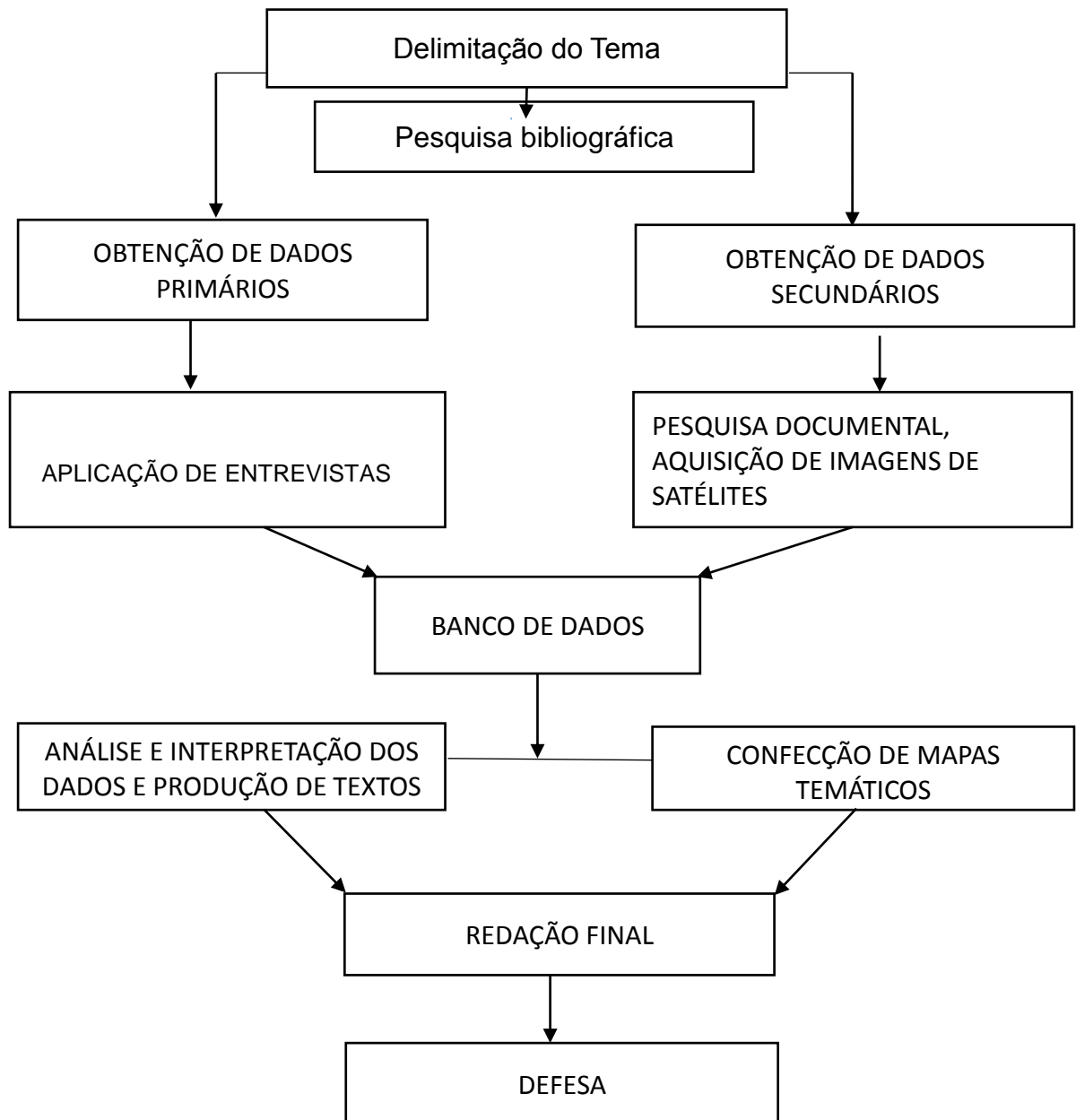
Ainda foi realizada a análise dos dados coletados de forma a permitir a identificar e analisar a percepção dos moradores em relação à cidade e a elementos da paisagem

Além do levantamento fotográfico da área em estudo para uma melhor compreensão, plotagem dos pontos por uso de receptor GPS map. 73CSx, com o objetivo da confecção de cartas imagens identificando a área estudada e seus aspectos. Além desta utilização do software SPRING 5.0 e ARCGIZ 9.3 o emprego desta metodologia no estudo possibilitou a caracterização da realidade atual das áreas estudadas.

1.2.1 Fluxograma de atividades

Para cumprir os objetivos propostos nesta pesquisa, seguiram-se as etapas, conforme o fluxograma abaixo, (Figura 9).

Figura 9 Fluxograma de atividades



Organizador: Alexandre da Silva Cosme, 2016.



CONCEITOS GEOGRÁFICOS: PERCEÇÃO E FRONTEIRA

2. CONCEITOS GEOGRÁFICOS: PERCEPÇÃO E FRONTEIRA

Esta seção tem por objetivo expor ao leitor um texto sobre as características de uma fronteira, para isso precisamos compreender alguns dos principais conceitos geográficos, como espaço, paisagem, fronteira e percepção, para melhor compreendermos como se dá a dinâmica de uma área fronteira. Para tanto, o texto está embasado nas contribuições de autores como: Tuan (1930), Pena (1982), Harvey (1989), Gregory, Martins e Smith (1992), Martins (1992), Santos (2008), Silveira (2008), Claval (2010).

2.1 ESPAÇO

O espaço geográfico é aquele que sofre alteração da ação antrópica, em um determinado recorte espacial, onde essa modificação pode ser social, étnica, econômica e cultural.

O espaço pode ser alterado à medida que o homem se utiliza dele, ainda o espaço pode ser fracionado em espaço vivido e espaço físico, onde o espaço físico se reserva ao estudo tradicional do espaço e o espaço vivido explica a relação estabelecida do homem, é o espaço onde ambos estão associados.

Santos (2008), afirmar que o espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto e um híbrido. Onde o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistema de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. Onde o espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais.

Já Corrêa (1995) afirma que é conveniente esclarecer que a expressão organização espacial possui, a nosso ver, vários sinônimos: estrutura territorial, configuração espacial, formação espacial, arranjo espacial, espaço geográfico, espaço social, espaço socialmente produzido ou, simplesmente espaço. E aponta que cada sociedade se organiza espacialmente, o qual constituem o espaço do homem, a organização espacial da sociedade ou simplesmente, o espaço geográfico. A objetivação do estudo da sociedade pela Geografia faz-se através de sua organização espacial.

2.1.1 Espaço físico e espaço humanizado

O espaço concreto ou físico teve sua origem a aproximadamente 4,5 bilhões de anos atrás, com a formação do planeta Terra e, de lá para cá, o espaço físico vem passando por inúmeras transformações, entre elas composição química e alteração da paisagem.

Os conceitos de Santos (2008) falam que o espaço é formado de objetos técnicos, e através do processo da produção, o espaço torna o tempo concreto. O autor ainda afirma que o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes.

Tuan (1983) considera o espaço, enquanto unidade geométrica (área ou volume) é uma quantidade mensurável e precisa. Tuan ainda afirma que o espaço é experienciado quando há lugar para se mover é um recurso que produz riqueza e poder, quando adequadamente explorado.

Ferro (1979) também argumenta que o espaço assume formas diversas ao longo do tempo, devido à aceleração das comunicações, por efeito dos progressos na técnica dos transportes e da abertura de novas vias, mas também – do próprio interesse que nutrem as várias sociedades humanas pela travessia de um espaço.

Soja (1993) fala que o espaço, nessa forma física generalizada e abstrata, foi conceitualmente incorporado na análise materialista da história e da sociedade, a ponto de interferir na interpretação da organização espacial humana como um produto social. O primeiro passo foi fundamental para se reconhecer uma dialética sócio-espacial. Já o espaço como contexto físico gerou um amplo interesse filosófico e discussões demoradas sobre suas propriedades absolutas. Esse espaço físico foi uma base epistemológica ilusória para se analisar o sentido concreto e subjetivo da espacialidade humana.

Carlos (2002) aborda que o espaço geográfico mundializado pelo capitalismo monopolista tornou-se complexo e as metodologias propostas pela geografia tradicional não eram capazes de apreender essa complexidade. Não podemos deixar passar despercebido à tendência da produção de bens imateriais, por outro se vende cada vez mais o espaço, inaugurando um movimento que vai do espaço de consumo, particularmente produtivo àquele da fábrica, que cria o espaço enquanto condição da produção, distribuição circulação e troca de consumo de

mercadoria ao consumo do espaço, isso é cada vez mais se compram e se vendem pedaços do espaço para a reprodução da vida.

O consumo do espaço se analisa no movimento da transformação do uso em troca. Na vertente espacial, o processo de reprodução indica a tendência da predominância da troca em relação ao uso. O espaço mercadoria, cada vez mais preso ao universo da troca, fragmentado pelo processo de compra e venda, dispõe importantes transformações no plano do uso e do consumo do espaço. Onde o processo de comercialização e especulação em torno do espaço se acentua. A reprodução espacial, voltada para o reprodutivo e para o repetitivo, produz os simulacros no espaço, consumidos enquanto espaços de turismo e lazer, enquanto simulação de um espaço novo – na realidade, um espaço fragmentado, reduzido e limitado pelas necessidades da acumulação. O espaço do turismo e do lazer são espaços visuais, presos ao mundo das imagens que impõem a redução e o simulacro.

O autor ainda afirma que assim se revela uma contradição nova entre o espaço que se globaliza e ao mesmo tempo se fragmenta em função da reprodução do espaço enquanto mercadoria, isto é, globalizado no plano das estratégias, que hierarquizam, e o espaço se fragmenta para o uso, no plano da vida.

Santos e Silveira (2008), falam que o espaço é produzido e reproduzido enquanto mercadoria reprodutível, onde o espaço dominado e controlado impõe não apenas modos de apropriação, mas comportamentos, gestos e modelos de construção que excluem/incluem. O consumo do espaço se analisa no movimento de generalização das transformações do espaço em mercadoria, que impõe ao uso a existência da propriedade privada das parcelas do espaço. Assim o processo de reprodução do espaço aponta para a tendência da predominância da troca sobre os modos de uso, o que revela o movimento do espaço de consumo para o consumo do espaço.

Para Santos e Silveira (2008, p.434):

Num sentido mais restrito o território é um nome político para o espaço. E dessa forma pode-se dizer que o espaço é sempre histórico. Sua historicidade deriva da conjunção entre as características da materialidade territorial e as características das ações. Outra definição dada ao espaço é de um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Os espaços dos quais se pode dizer que dão ordens são também lugares onde superpõe divisões de trabalho que se sustentam mutuamente, de tal maneira que o espaço do mandar acaba sendo espaço de fluidez efetiva e também espaço da rapidez, onde chamam de espaços luminosos aqueles

que mais acumulam densidades técnicas e informacionais, ficando assim mais aptos a atrair mais atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização. Por oposição os subespaços onde tais características estão ausentes seriam os espaços opacos. Entre esses extremos haveria toda uma gama de situações. Levando-se em consideração o acúmulo de funções diretoras em certos lugares e a sua falta na maioria dos demais, será lícito admitir que haja espaços que comandam e espaço que obedecem. Pode-se falar em racionalidade do espaço? Essa expressão cabe a certas frações do território cujas condições materiais e políticas permitem um uso considerado produtivo pelos atores econômicos, sociais, culturais e políticos dotados de racionalidade.

Na realidade o que estamos chamando de racionalidade do espaço vem em última estância, das ações que sobre ele se realizam; mas tal possibilidade somente se perfaz quando o próprio território oferece as condições necessárias. Podendo dizer que nas condições históricas atuais o meio técnico-científico-informacional, seja como área contínua mancha ou ponto, constitui esse espaço da racionalidade e da globalização. Assim os espaços da racionalidade seriam os espaços produzidos e organizados segundo as lógicas do acontecer hierárquico, sob a égide das técnicas informacionais de verticalidades de razões globais, que impõe uma ordem alheia, instrumental e pragmática ao funcionamento dos lugares.

2.1.2 Espaço Vivido: percebido e concebido

Para melhor compreender a peculiaridade e a complexidade do espaço vivido, se fez necessário conceituar este espaço em sua dinâmica e intensidade, através de autores que veremos abaixo.

Os estudos de Santos (2008) mostram que o espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de viver bem. Ainda o autor fala que o espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. Onde o papel do espaço em relação à sociedade tem sido frequentemente minimizado pela Geografia. Esta disciplina considerava o espaço mais como um teatro das ações humanas, de fato a formação social, totalidade abstrata, não se realiza na totalidade concreta se não pela metamorfose onde o espaço representa o primeiro papel. Podendo dizer que o espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos.

Já Tuan (1983) considera o espaço um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. O autor ainda comenta que no espaço também tem significado temporal ao nível das experiências pessoais do dia-

a-dia. É uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social, e mesmo um atributo espiritual. Espaço e espaciosidade têm diferentes significados nas várias culturas. O espaço do homem reflete a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade. Onde o espaço assume uma organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e se direciona. Afirmando que o espaço é fundamental em qualquer forma de vida comunitária, o espaço é fundamental em qualquer exercício de poder.

Segundo Carlos (2002), é preciso saber realizar a leitura analítica do espaço geográfico e chegar à síntese, criando situações no interior para favorecer as condições necessárias ao entendimento da Geografia como uma ciência que pesquisa o espaço construído pelos homens, vivendo em diferentes tempos considerando o espaço como resultado do movimento de uma sociedade em suas contradições e nas relações que estabelece com a natureza nos diversos tempos históricos. Onde o domínio do espaço da mídia e a era do marketing, do infinitamente pequeno produziu uma nova mentalidade, outro modelo de vida.

Neste sentido, a afirmação de que o espaço é uma construção social e que para entender a Geografia é preciso entender a sociedade. Uma vez que o espaço, devido a sua dimensão abstrata, deixou de ser referência central, que passou a ser o espaço vivido aquele que é construído através da percepção das pessoas. Ainda o autor relata que o espaço vivido é mais do que isso, do que ser interpretado pelos indivíduos. Igualmente, o espaço vivido se apresenta como revelador das práticas sociais. Concebendo o espaço como um produto social, chamou a atenção para o fato de que a Geografia havia procurado ver mais os padrões espaciais e menos as pertinências de tais padrões. O fato de que a Geografia se preocupa em perguntar como os processos se dão, afirmando que além dos esforços para desvendar o “como e o porquê” dos processos, deveria também investigar os interesses sociais envolvidos nos processos relacionados à produção do espaço.

Já para Harvey (2003), o espaço é tratado como um fato da natureza, naturalizado através da atribuição de sentidos cotidiano comuns é tratado tipicamente como um atributo objetivo das coisas que podem ser medido e, portanto, apreendido. As representações do espaço compreendem todos os signos e significações, códigos e conhecimentos que permitem falar sobre essas práticas materiais e compreendê-las, pouco importa se em termos do senso comum cotidiano ou do jargão por vezes impenetrável das disciplinas acadêmicas que tratam de

práticas espaciais. Também argumenta que os espaços de representação são invenções mentais (códigos signos, “discursos espaciais”, planos utópicos, paisagens imaginárias e até construções materiais como espaços simbólicos ambientes particulares construídos, pinturas, museus etc.) que imaginam novos sentidos ou possibilidades para práticas espaciais. O espaço, embora infinito, era conquistável e conquistável para fins de ocupação e ação do homem.

Para os autores Castro, Gomes e Corrêa (2000), a expressão do espaço geográfico ou simplesmente espaço, por outro lado, aparece como vaga, ora estando associada a uma porção específica da superfície da Terra, identificada seja pela natureza, seja por um modo particular como o homem ali imprimiu as suas marcas, seja com referência à simples localização. Adicionalmente a palavra espaço tem o seu uso associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global, continental, regional, da cidade, do bairro da rua, da casa e de um cômodo no seu interior.

Ainda os autores afirmam que o espaço é o *locus* da reprodução das relações sociais de produção isto é, reprodução da sociedade. No processo de produção do espaço há uma inerente dimensão política que leva a diferentes formas de controle sobre o espaço. Onde a abordagem do espaço geográfico deve ser considerado em uma tríplice perspectiva, ou seja, em sua globalidade, em suas transformações nas causas e leis de articulações e transformação do espaço geográfico, enquanto espaço social. Mas a construção do espaço é, na aparência, um fator técnico, mas nas essências um fator social. Reafirmando que o espaço deixa de ser um mero substrato onde se produzem as coisas, para transformar-se em estratégia de produção para alcançar objetivos na escala global.

Segundo Soja (1993), o espaço é fundamental em qualquer forma de vida comunitária; o espaço é fundamental em qualquer exercício do poder. Nos dias atuais, é mais o espaço do que o tempo que oculta as coisas de nós, de que a desmistificação da espacialidade e de sua velada instrumentação do poder é a chave para dar um sentido prático, político e teórico à era contemporânea. Em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produtos da translação, da transformação e da experiência social. Onde o espaço socialmente produzido é uma estrutura criada, comparável a outras construções sociais resultantes da transformação de determinadas condições inerentes ao estar vivo, exatamente da mesma maneira que a história humana representa uma

transformação social do tempo. A espacialidade, como práxis da criação da geografia humana, ainda tende a ser impelida para obscuridade epifenomenal, como continente especular da história. Uma vez que o espaço-temporal ordenado pela distância permeia o cenário existencial da interação humana e não pode ser ignorada na construção da teoria.

Outros autores como Gregory, Martin e Smith (1996), mencionam que as pessoas e as sociedades se entendem cada vez mais por sobre o espaço. Os autores ainda abordam que, na verdade, são os relacionamentos espaciais que aparecem na dispersão, embora momentaneamente, entre coisas (eventos e fenômenos) conforme eles ocorrem ou não próximos uns dos outros no espaço ou se eles se juntam uns aos outros de algum modo, ou não, através do espaço. E isto é talvez por que ele dá a entender que vivemos agora na era do espaço, visto que, para entender o mundo social à nossa volta, devemos pensar espacialmente.

Segundo Claval (2010), a experiência do espaço é, fundamentalmente, a de suas interrupções, suas rupturas, seus contrastes, sua heterogeneidade. Esta não resulta somente da multiplicidade das condições naturais ou da diversificação das atividades produtivas. Ela nasce da experiência que os homens têm dos lugares e das emoções que esta suscita. Elas opõem radicalmente áreas profanas onde se desenrola a existência ordinária das zonas sagradas transformadas por forças profundas ou poderes superiores.

Para Carlos (1996), o espaço geográfico é social. Produto do processo de trabalho geral da sociedade em cada momento histórico. Ainda na discussão do espaço como produto social e histórico se faz necessário articular dois processos: o de produção e o de reprodução.

Afirmam alguns autores como Souza et al. (1997), que o espaço é esse campo da imagem senso-percebido e cindido em espaço externo (mundo concebido) e interno (mundo subjetivo), que envolve sujeito e objeto em uma relação de externalidade recíproca e insolúvel para a generalidade das correntes do pensamento que a tem tomado como tema central da modalidade. Onde o espaço é o mundo como movimento da consciência lutando para superar sua alienação material como ao seu reencontro como sujeito-objeto idêntico (autoconsciência).

Ainda os autores relatam que, em todas essas correntes a percepção desemboca no espaço vivido, o espaço percebido. Podendo ser historicamente produzido pelo próprio homem no seu ato mesmo de produzir sua sociedade. É o

espaço da relação do homem organizado em sociedade com a natureza, mas outra vertente de tradição se desenvolve referenciada à imagem como símbolo e ao espaço como campo sógnico. A conotação de vários espaços como espaço topológico, espaço vivido, espaço percebido espaço produzido.

Em todas essas noções o espaço é o campo das formas dos objetivos que nos circundam e se codificam em nossa mente como um universo infindo de imagens.

Aubertin (1988) considera a fragmentação do espaço e a formação das regiões é fruto e condição da produção do espaço social, o espaço preexistente é assim reconstituído em conjunto homogêneos/fragmentados e identificáveis em várias escalas.

Segundo Becker (1990) o espaço preexistente é então redefinido, formando-se de região exatamente nas áreas de maiores conflitos, onde se superpõe todas as frentes e todos os atores em jogo nas duas malhas.

2.2 PAISAGEM

A paisagem geográfica é o visual do espaço geográfico, onde visualizamos seus aspectos naturais e culturais. Constituindo-se de uma parte do planeta Terra que é estudada tanto do ponto de vista físico quanto o humano, apresenta características próprias. Os aspectos físicos de uma paisagem como clima, vegetação, relevo, hidrografia e solo, apresentam as modificações ocasionadas pela ação antrópica ao ambiente natural, como a produção, habitação, estradas. Para melhor compreender a paisagem foi conceituada através dos autores que veremos abaixo.

Seguindo os estudos de Santos e Silveira (2008), ver a paisagem como um conjunto de objetos, é facilmente confundida com o anti-espaço ou como o não-lugar é apenas uma possibilidade ou uma oportunidade para a manifestação dos eventos. É o processo de qualificação, o uso que a sociedade faz, por meio de suas ações desse conjunto de objetos, acrescenta a eles um conteúdo cultural, tornam-nos veículos de transmissão de práticas sociais. Tais objetos, ou conjunto de objetos qualificados para efeito da presente discussão, serão aqui referidos como forma de paisagem. As formas da paisagem estão, frequentemente, tomadas como atos finais, conclusões de um processo espacial de complexas negociações entre as

diferentes instâncias da sociedade, acréscimos materiais destinados a permitir a modernização e o desenvolvimento, são na verdade, condições para a existência dos lugares valorizações de sua história, mediações entre situações percebidas e realizadas.

As formas da paisagem não correspondem, portanto a uma ideia de finalização, mas a ideia de transformação. Mais ainda, estão necessariamente impregnadas de conteúdo existencial, são formas de identidade e de memória, e refletem, em certa medida, dois modos de pensar a relação espaço/ sociedade: um externo e um interno. A paisagem de um lugar não é um fato, mas um processo que, estudado ao longo de muitas décadas, destaca e ilumina os conflitos de sua formação (SANTOS; SILVEIRA, 2008).

Para Santos (2008), a paisagem é o conjunto de forma que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza se dá como um conjunto de objetos reais-concreto. Afirmando sua existência através de suas formas, criadas em momentos históricos diferente, porém coexistindo no momento atual. Nesta direção, podemos dizer que a paisagem é a história congelada, mas que participa da história viva. Sendo a testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado.

Gregory, Martin e Smith (1996) afirmam que a formação da paisagem não é atribuída a tomadores de decisões humanas, mas à própria cultura como se fosse uma abstração. Desponta como o conceito-chave de geografia cultural onde a identificação de paisagem como o conceito central, mais do que as práticas sociais. Nos dias atuais existe uma percepção cada vez maior de que o conhecimento é múltiplo e situacional, que existem muitas maneiras de ver e ler a paisagem. Mas a paisagem da cidade moderna é, pois, uma colagem de tradições locais, referências históricas e alusão típica do lugar.

Soja (1993) fala que a paisagem na sua conotação mais ampla, há uma dialética dinâmica e contraditória do espaço e do tempo, da ação humana e da restrição estrutural. Afirmando que possui uma textualidade que estamos apenas começando a compreender, pois só recentemente pudemos vê-la por inteiro e lê-la com respeito a seus movimentos mais amplos e seus eventos e sentidos inscritos.

Já para Corrêa (1995), paisagem geográfica enquadraria, na verdade a área de ocorrência de uma forma de vida e possui, ainda, uma extensão territorial e

limites razoavelmente identificáveis. Nestes termos, a região é a expressão espacial da ocorrência de uma mesma paisagem geográfica. Enquanto formas criadas pelo homem sobre a superfície da Terra, a paisagem poderia ser considerada sinônima de organização espacial. Então, o conceito de paisagem apresenta uma limitação dada pela ênfase em um aspecto exterior, derivado de sua apreensão via método empírico-indutivo e muitas vezes, acaba seu conceito se confundindo com o de região, está associado à visão de unicidade, isto é, de um fenômeno que ocorre única vez, sem se repetir.

Na abordagem de Tuan (1980), a paisagem é um arranjo de aspectos naturais e humanos em uma perceptiva grosseira; os elementos naturais são organizados de tal forma que proporciona um ambiente apropriado para atividade humana, onde o cenário e paisagem agora são quase sinônimos. Assim, a paisagem chegou a significar um panorama visto de um determinado ponto, mas no fundo proporciona a dimensão horizontal. Tendo como função de pano de fundo para as atitudes humanas diárias, quando não mais abrigavam os espíritos da terra.

Christofolletti (1982) menciona que a paisagem é considerada como sendo composta de elementos geográficos que se articulam uns com os outros e os elementos podem ser do domínio natural, humano, social ou econômico considerando-a como o fato que melhor expressava o relacionamento entre o homem e caracterizava as diferenças entre as áreas, mostrando concreta e objetivamente os diversos acontecimentos e elemento concreto e objetivo que expressava essa relação para salientar a atuação humana. Outros autores como Souza, et al. (1997), apontam a paisagem como o repositório do ato da criação, a paisagem no seu todo é o registro das tensões, sucessos e fracassos da história de uma sociedade. Nela encontramos todas as marcas da evolução histórica de um povo, fazendo assim do espaço, uma soma de tempos desiguais. É uma fala do mundo com o homem por meio da linguagem simbólica, própria a todo inconsciente coletivo. Por isso, a imagem tem a conhecida relação com os símbolos do discurso ideológico. Já alguém nos advertira para a intencionalidade da estética urbana.

Os autores ainda relatam que, estão engravidando a paisagem através da imagem repetitivamente produzida pela publicidade, a mídia converte nosso cotidiano num puro mundo semiótico. Faz a paisagem tornar-se uma fábrica cuja função é produzir em série, em massa e padronizadamente o nosso dia-a-dia. Onde muitas vezes, já não distinguimos se é a paisagem que faz o nosso cotidiano ou se é

nosso cotidiano quem faz a paisagem, o mundo e o imaginário dos símbolos tornaram-se um só. Substituindo a imagem saturada de tanto repeti-la, a mídia engendra uma rotação de imagem numa velocidade crescente. Assim, a paisagem se satura e se troca com uma rapidez tão grande que o tempo e o espaço tendem a se reduzir ao instante. Onde, até a pouco, as paisagens arrumavam-se em localizações fixas.

2.3 FRONTEIRA

A identidade de um determinado espaço não parece ser suficiente para explicar seus limites territoriais onde se faz necessário à criação de fronteiras que vai de um sentido óbvio de uma linha que separa estados a uma questão sócio-espacial, no entanto o conceito de fronteira vai além de fronteira natural, geométrica ou arbitrária, entra em um campo metafórico mais amplo para tentar compreender os diferentes processos sociais que constituem uma fronteira. Assim veremos alguns autores que abordam essa problemática.

Segundo os estudos de Bojunga e Portela (1978), quem não sente ou sabe instintivamente que fronteira é a linha que circunscreve o território do estado? Linha que isola ou facilita o intercâmbio, segundo o interesse dos governos. E ainda a infundável nomenclatura dos peritos, essa simples linha que desdobra em linha-faixa, fronteira natural (montanha, rios), fronteiras de civilização, fronteiras antropogeográficas (culturais), fronteiras reta, tortuosa, angulosa, esboçada, tensa, seca, fluvial, desolada, de convergência, de dispersão, definida (muito raras) – até mesmo imaginárias.

A fronteira anteriormente não recebia sua devida importância por parte do Estado, como mostra as afirmações de Portela (1978) há pouco tempo, mesmo após 1964, servir na fronteira era considerado como punição para militares, especialmente oficiais superiores não-alinhados. Ou aqueles sobre os quais pesava sobre atos de desordem interna. A fronteira é constantemente percorrida, demarcada, resenhada rio a rio, a serra como se a floresta sempre estivesse pronta a cobrir a linha a qualquer descuido dos homens. Onde as fronteiras da experiência espacial são consideradas para coincidir com um mundo social mais do que com uma área particular.

Já o autor Martin (1992, p.11) afirma abaixo:

O termo fronteiras tem sido bastante polêmico ao longo da história, embora em certas ocasiões ele tenha permanecido relativamente esquecido. É bem provável que para grande maioria das pessoas a simples menção à palavra “fronteira” provoque uma reação negativa.

De um ponto de vista mais neutro e quem sabe mais verdadeiro, podemos simplesmente designar por fronteira aquele espaço que “separa dois pontos”. Mas em compensação, economistas e cientistas políticos têm se apresentado como os principais “demolidores” de fronteiras, quer na defesa de uma circulação cada vez maior e mais rápida de homens, capitais e mercadorias, por um espaço mundial sem barreiras alfandegarias, quer na busca de sistemas de governo ideais e igualmente válidos para toda a humanidade. Há uma contradição entre o caráter relativamente fixo e estático do espaço terrestre, em oposição à natureza e a mobilidade das populações. É fácil imaginar neste caso, certa semelhança entre as fronteiras e os semáforos: isto é, ambos procuram evitar colisões.

A existência dessa qualidade entre povos que se expandem e outros que se retraem conduz a movimentação das fronteiras, tendência exatamente oposta àquela primeira que pretendia torná-las fixas. Assim acarretando em uma derivação dessa diferença de potência entre áreas mais ou menos densas, temos uma intrincada rede de fluxo, na qual a ação de força centrífugas e centrípetas interage de modo a tecer uma trama complexa de relações, cujo resultado final tende para um certo equilíbrio entre a rigidez e a flexibilidade das fronteiras. É imprescindível, portanto uma clarificação histórica uma vez que, efetivamente, a fronteira em si isolada, não existe mais o que existe sim são as fronteiras, no plural, formadas historicamente umas em relações as outras. Ainda é curioso observar como na teorização sobre as fronteiras ocorreu um fenômeno oposto ao que normalmente ocorre na relação entre as ciências sociais e as ciências da natureza.

Ainda Martin (1992) diz que devido sua busca por compreender o significado das fronteiras interestatais, as quais são evidentemente construídas pelos homens, que ele chegaria a uma definição tão geral, que posteriormente passaria a ser empregada também para descrever fenômeno da natureza. Sendo constituída pelos inumeráveis pontos sobre os quais um movimento orgânico é obrigado a parar. Do mesmo modo, em epistemologia costuma-se falar em fronteiras do conhecimento, tanto no sentido de se distinguir uma forma de saber de outra quanto no de investigar os limites da capacidade humana de acontecer. Limite, aliás, é também o nome de uma função em matemática, a qual remete para a discussão em física acerca finitude ou infinidade do espaço.

O autor menciona que em todas essas conotações, como também nas que opõem realidade/imaginação ou pobres e ricos, etc., a palavra fronteira aparece antes de um sentido figurado, e diz muito mais respeito à qualidade que distingue uma coisa da outra do que à fronteira propriamente dita. São utilizações que como efeito tomaram essa expressão de empréstimo à geografia. A fronteira poderá avançar se as condições vitais o favorecem, nesse sentido ou se o movimento no

sentido contrário enfraquecer, inversamente poderá recuar se perder vitalidade ou se a força oposta se torna mais poderosa. Desse modo, está sempre associada à “área de difusão” tanto das espécies vegetais e animais, quanto das províncias rochosas, de relevos ou de solo, ou mesmo climáticas do mesmo modo como analogamente se pode falar em termos sociais, das “áreas” ocupadas por determinados grupos étnicos, linguísticos, políticos, etc. assim essas áreas se originam de tudo que possui movimento, o qual em certas circunstâncias se vê obrigado a parar.

A fronteira apresenta extrema flexibilidade já que a propriedade se afirmar pelo uso comunal, e este está sempre em movimento. Em um sentido religioso das fronteiras começou a se separar daquele político-administrativo, o que só se completaria bem mais tarde com surgimento dos estados moderno. Onde podemos considerar o tratado de Westfália, como marco inicial na constituição de um sistema “moderno” de fronteiras da história ocidental. Por moderno entendam aqui um tipo muito particular de centralização de poder político cuja base social é representada pela nação. Em larga medida, portanto desde essa época, a “problemática das fronteiras” confunde-se com a questão da racionalidade. No entanto, caminhar nessa direção exigiria um outro estudo específico, que não temos condições de desenvolver agora. De qualquer modo salienta-se que essa nova forma de institucionalização do poder político – o estado nacional- é responsável pelo estabelecimento de limites rígidos e precisos, tanto quanto possíveis, entre as sociedades nacionais. Há, porém, um aspecto técnico, que não pode de modo algum ser negligenciado (MARTIN,1992).

Com os mapas, as fronteiras passaram a ser não apenas representadas, mas também projetadas, o que em decorrência tornava possível a introdução de traçados preciso entre soberanias, surge então a fronteira linear.

A estruturação das fronteiras se baseou em estudos profundos de topografia, geologia, do sistema de comunicação, além de ocupar-se das fronteiras marítimas e do comércio exterior. De fato, todas as fronteiras são construções humanas, na medida em que outros grupos humanos que atribuem a esse e aquele acidente geográfico a condição de divisão entre um espaço conquistado e outro não.

Para Martin (1992), não é demasiado lembrar como se torna distinto o cotidiano vivido de um lado ou de outro do limite. Muitas vezes, embora as características físicas comuns possam haver ensejado estilos de vida semelhantes

dos dois lados do limite de uma mesma região fronteira, a presença do estado impõe distinções marcantes. Obrigações como pagamento de imposto e prestação de serviço militar, e direitos como os serviços públicos serão diferentes, assim como o estabelecimento dos preços, ainda que o obstáculo representante pela moeda possa ser contornado através da atenção à taxa de câmbio. Estabelece-se assim um choque entre o direito de ir e vir e o princípio de soberania dos Estados. E são as esferas das políticas quem decidirão se o Estado irá incentivar ou dificultar o intercâmbio com os vizinhos. Não podendo desconsiderar as fronteiras naturais e artificiais decorrer de uma identificação apressada entre duas práticas na verdade distinta.

A compreensão de delimitação entende-se como o estabelecimento da linha de fronteiras, isto é, do limite, a qual é determinada a partir de um tratado assinado entre as partes envolvidas. E demarcação, por sua vez, é a locação da linha de fronteiras no terreno – isto é, a construção da divisa através do estabelecimento de marcos e baliza. Assim, pelo menos em tese, é a demarcação que deve subordinar-se a delimitação. Muitas vezes, porém, não é bem isso que ocorre, mas ao contrário, é a delimitação que acaba cedendo às facilidades de marcação. Para os demarcadores a fronteira natural é aquela onde a linha divisória acompanha os acidentes naturais, isto é, com o seu conteúdo mais apenas com a forma. Daí que muitas vezes invoquem a natureza com o objetivo apenas pragmático de facilitarem seu trabalho, o que pode vir a chocar-se com as posições doutrinárias dos delimitadores.

Como já vimos, em especial os geógrafos, só consideram natural aquela fronteira que se apoia em obstáculos naturais que representam verdadeiras barreiras ao contato entre dois grupos, tal como ocorre no pântano, floresta, montanhas e desertos. Trata-se, portanto, de faixas e não de linhas, tomando como exemplo de um rio. Para o demarcador, ele pode ser considerado um bom limite natural. No entanto, os rios mais unem do que separam, sobretudo se eles são navegáveis. Assim, eventualmente os obstáculos transversais, como as cachoeiras podem se prestar melhor à função de fronteira, já que interrompem a circulação do que o leito dos rios. Sempre a dificuldade inclusive para se precisar o limite dentro do rio onde se localiza precisamente o talvegue (linha de encontro das duas ribanceiras).

Martin (1992) considera que o mais importante é distinguir o aspecto aparente da fronteira, ou seja, a fronteira percebida, do aspecto mais profundo e real representado pela fronteira consolidada. Assim, para o primeiro caso teríamos o exemplo de área pouco povoadas, em que o traço das fronteiras se faz com menos conjunções políticas e maior respeito a natureza. No segundo, trata-se da fronteira enquanto lugar em que se realizam os contatos com o exterior, isto é, onde duas comunidades políticas se encontram. As fronteiras se associam, portanto, ao momento original de formação dos estados, trata-se aqui evidentemente de um nível de relações horizontal onde está pressuposta a igualdade jurídica entre duas entidades soberanas o que corresponde a uma abstração, uma vez que nivela idealmente sociedades na verdade bastante distintas entre si, além das relações interestatais, devemos acrescentar a tensão entre os poderes central e local.

Por fim, o autor afirma que pode-se recair de algum modo numa dessas três grandes correntes de pensamento sobre as fronteiras. Assim, é curioso notar inicialmente como a corrente determinista que acabara se confundindo com a geopolitik alemã, terminará por esposar a tese da fronteira linear e não natural como se poderia esperar. Desde Ratzel, acreditou-se que quanto mais desenvolvida fosse a sociedade, mais rígidas e precisas deveriam ser suas fronteiras, maior o desenvolvimento econômico. No entanto, ambas as visões confluem para um leito comum, ou seja, o de considerar as fronteiras como emanações do espírito, da subjetividade, antes de representarem uma realidade material palpável.

Os pensadores pragmáticos anglo-saxões, defensores da fronteira linear, os que, mais se aproximam da ideia de fronteira como obstáculo natural. No fundo, é o próprio espaço de atrito a distância a ser vencido o que eles entendem por fronteira.

Não poderia ser mais explícito quando que apesar da colonização das últimas fronteiras do planeta as fronteiras não desaparecem, mas se perpetuam como zonas marginais e de discórdia. O análogo a essa visão, também é comum a oposição entre fronteiras moles e duras, mas aqui a referência já é a maior ou menor facilidade de cruzamento.

Portanto as fronteiras físicas seriam aquelas que seguem alguns acidentes geográficos, tal como acontece em montanhas, desertos, lagos, baías e estreitos, rios e canais, pântanos e linhas de contorno de um rio ou lago. Já os tipos geométricos compreenderiam vários tipos de linhas tais como linhas retas meridianos e outros círculos máximos, paralelos de latitude, linhas de rumo ou

curvas, loxodômicas, arco de círculos e linhas paralelas ou equidistantes de uma costa ou de um rio. Entre as fronteiras antropológicas, se encontrariam as tribais, linguísticas, religiosas, econômicas, históricas e culturais, bem como as linhas de propriedade privada e as linhas cadastrais. Por fim, as fronteiras complexas ou compostas seriam aquelas estabelecidas por adaptação a uma multiplicidade de fatores, condição alias a mais comum entre os estados nacionais. De uns tempos para cá a humanidade tem sido submetida a uma avalanche tão grande de informações difundidas através dos meios de comunicação de massa, vindas e dirigidas a todas as partes do planeta, que a remota utopia de se viver livremente num mundo sem fronteiras nunca apareceu tão próxima de se tornar realidade (MARTIN, 1992).

Os estudos Aubertin (1988) propõem que se tome o conceito de fronteira como algo transitório, provisório e que tem o seu papel na incorporação de novas áreas ao sistema produtivo, as quais como tal, vão ser modificadas ao longo do tempo, dentro do processo de produção. Assim, não só a fronteira não significaria uma forma fixar a ocupação e de estruturação do espaço, como novas fronteiras poderiam se abrir, em pontos diferentes do espaço. Não pode ser mais pensando exclusivamente como franjas do mapa em cuja imagem se traduzem os limites espaciais, demográficos e econômicos de uma determinada formação social. Uma nova definição de fronteira mais abrangente torna-se necessária, capaz de captar sua especificidade como espaço excepcionalmente dinâmico e contraditório e a relação desta com a totalidade de que é parte. A análise da fronteira de seu antigo terreno empírico, sem que isso signifique afastar-se da história concreta dos lugares. Sendo parte da reflexão sobre o papel do espaço e sua estreita relação com o espaço na sua tecnologia contemporânea.

2.3.1 Formação da fronteira Brasil – Guiana

Para compreendermos a formação da fronteira Brasil e Guiana, teremos que nos reportar a questão do Pirara, ponto esse que deu o traçado inicial do que é hoje essa fronteira.

Os estudos de Oliveira e Magalhães (2008), o termo Pirara denomina um rio da Guiana localizado próximo dos atuais territórios da fronteira entre os rios Cotingo - Tacutu e Buroburo - Essequibo, a leste de onde hoje está o atual estado de

Roraima. No passado, segundo informações de estudos antropológicos, Pirara era uma maloca Makuxi, situada na margem sul de um igarapé do mesmo nome e que, na segunda metade do século XIX, quando a maloca já havia desaparecido, tornou-se referência ao processo de demarcação do território entre Brasil e Guiana. Os dois países escolheram como marcos de fronteiras os rios dessa região pertencentes a bacia do rio Essequibo-Rupununi, no caso da Guiana, e a bacia do rio Branco, no caso do Brasil.

Ainda Oliveira e Magalhães (2008) relatam que tanto o governo brasileiro quanto o britânico iniciaram movimentos de ocupação efetiva que fornecessem valor jurídico às suas pretensões territoriais. Em 1842, aceitando um acordo provisório entre os dois países, o Brasil reconheceu a neutralidade da região, retirando da área em litígio os funcionários e o destacamento militar e impôs a condição de que os grupos indígenas continuassem “independentes”. Onde a discussão jurídica e diplomática sobre os limites da fronteira entre Brasil e ex-Guiana Britânica, estendeu-se até 1901, quando o Governo britânico propôs ao Governo brasileiro uma solução na definição de direito das terras em questão.

Por fim, segundo Oliveira e Magalhães (2008), ficaram acertados entre os dois governos que a proposta da região em litígio seria entregue para arbitragem de direitos ao rei da Itália, Vittorio Emanuel III. O Governo brasileiro confiou a Joaquim Nabuco a defesa de nossos direitos sobre a região disputada. Para isso, Joaquim Nabuco reuniu uma documentação abundante em favor do Brasil sobre a Questão do Pirara. Os argumentos britânicos tinham como uma das bases o conjunto de documentos apresentados pela expedição Shomburgk e relatos da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, além de alegar que as terras herdadas dos holandeses iriam até onde se estendiam suas alianças com os índios. O resultado do laudo do rei italiano não favoreceu ao Brasil, quando, em 1904, Vittorio Emanuel III reconheceu como dos britânicos a maior extensão do território contestado. Com essa derrota, os brasileiros não puderam impedir o acesso dos ingleses à bacia Amazônica pelo Pirara. A região disputada foi dividida em duas partes: um território medindo 13.570 km² destinado ao Brasil, e outro medindo 19.630 km² que ficou com os britânicos.

Após o veredito da questão do Pirara, a fronteira continuou em alterações mas não na questão de seus marcos e sim no estabelecimento do modo como a população que vive nesta faixa fronteira, interage com esse lugar, assim se faz

necessário se aprofundar, procurando respostas acerca desta fronteira, através de autores, como Becker (1990, p. 8 e 9), a qual relata que:

As contradições assumem uma dinâmica específica nas diferentes regiões; no caso da Amazônia, o que caracteriza é a ausência de organizações sociais preexistentes capazes de resistir a novas apropriações, resultando no ritmo acelerado e na extensão em que se processa sua transformação elementos que a configuram como uma fronteira. Onde tem um tempo diferente do resto do território nacional, mais acelerado, nela se sucedendo rapidamente as inovações. Uma fronteira gigantesca. Porção equatorial e mais larga do território brasileiro, a Amazônia participa da massa continental sul-americana. Em um outro ângulo, situa-se O mito da imagem oficial difundida sobre a fronteira como espaço vazio, noção que estrategicamente serve como válvula de escape a conflitos sociais.

A fronteira hoje, portanto, não é sinônimo de terras devolutas, cuja a apropriação econômica é franqueada a pioneiros ou camponeses. É um espaço também social e político, que pode ser definido como um espaço, não plenamente estruturado, potencialmente gerador de realidades novas. Assim significa para a nação símbolo e fato simbólico e político de primeira grandeza, como espaço de projeção para o futuro, potencialmente alternativo. Para o capital, a fronteira tem valor como espaço onde é possível implantar rapidamente novas estruturas e como reserva mundial de energia. Uma fronteira urbana é a base logística para o projeto de rápida ocupação na região, acompanhando e mesmo se antecipando a expansão de várias frentes. Trata-se de uma feição original da fronteira contemporânea. A urbanização não é aí uma consequência da expansão agrícola: a fronteira já nasce urbana, tem um ritmo de urbanização mais rápido que o resto do Brasil. E a feição está intimamente associado a migração.

A fronteira como um fator de integração, na medida em que é uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sócio-políticas e culturais distintas cada lado de uma fronteira apresenta estruturas culturais, sociais, econômicas, políticas e demográficas diferenciadas caracterizam-se ainda as fronteiras por serem locais de instabilidade e mutabilidade, onde podem surgir reações e conflitos de diferentes naturezas (nacional, libertadores, econômicos, etc.) a partir tanto das aspirações das populações que vivem nessas zonas, como pressões externa. A presença do imprevisível é, assim, outro aspecto marcante da faixa de fronteira, para o que contribui a multiplicidade de atores e redes técnicas e políticas que nela incide.

Já para Aubertin (1988), a fronteira amazônica só pode ser interpretada a partir da inserção do Brasil no capitalismo global decorrente da nova escala da relação capital-trabalho tendo como referência a produção de um espaço planetário onde os estados nacionais conservam suas funções de controle, hierarquização e regulação, e como base o espaço. Não é sinônimo de terras devolutas, cuja apropriação econômica é franquiada a pioneiros. Tampouco se restringem a um processo de colonização agrícola. Distintivo de situação de fronteira não é o espaço físico em que se dá mais o espaço sócio-políticos e valorativo que engendra. Onde afirma que expansão da fronteira não se reduz a um fenômeno agrícola, uma

fronteira urbana é a base logística para o projeto de sua rápida ocupação acompanhando e mesmo antecedendo à expansão de várias atividades.

A fronteira é um espaço em incorporação ao espaço global que é o espaço urbanizado, e sua incorporação se efetua através do núcleo urbano, condição-chave da ordenação do espaço territorial e social. Onde a fragmentação do espaço e a formação de novos territórios nas fronteiras resultam, assim, na da interação de duas malhas territoriais, com diferentes níveis de concretude a malha sócio-política constituída pelo espaço vivido pelos grupos sociais que concretamente se instalam na fronteira, que dependendo do seu potencial político com o grupo de pressão ou pelo contrário como objeto de manipulação política é institucionalizado dando origem a novas unidades da federação, principalmente municípios (AUBERTIN, 1988).

A malha política-ideológica constituída pelo território apropriado e gerido diretamente pelo aparelho do Estado, em áreas dotadas de recursos estratégicos e conflitos potenciais ou reais, tais como áreas limítrofes com outros países e áreas de atrito com limites criados pela malha do espaço.

Por fim Aubertin (1988), fala que a noção de fronteira se confunde com a história do Brasil. É a progressão contínua da ocupação demográfica e econômica do território, entrecortada de pausas e saltos para frente, de “ciclo econômico”, baseados numa atividade ou num projeto. E o caráter histórico da “fronteira” no Brasil, sua permanência sua importância na vida do país, fazem dela um fato social total, concreto, mas também, político, ideológico e psicológico. Há uma dimensão cultural da fronteira. Ela é expressão das características e das contradições da sociedade nacional como um todo refletindo, ao mesmo tempo, também os interesses do jogo na economia internacional. Isso explica sem dúvida a extrema diversidade das interpretações da fronteira, como também a tentação permanente de reduzi-la a um esquema explicativo simples que leva em conta apenas um ou outro de seus aspectos.

2.4 LUGAR E PERCEPÇÃO

O ser humano se encontra em um mundo perceptível, onde através do nosso aparelho perceptivo o qual todos possuímos e conseguimos compreender o nosso entorno, mas tanto no espaço, lugar e paisagem, há várias maneiras de se

perceber o meio. Assim conhecer os conceitos de percepção, é de suma importância para a compreensão do lugar o qual o indivíduo está inserido.

Segundo os pensamentos de Tuan, (1980), a percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital nas quais certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão esvaziadas na cultura. Assim a atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepção, isto é, de experiência.

Todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares. A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Os objetos que percebemos são proporcionais ao tamanho do nosso corpo, à acuidade e amplitude do nosso aparelho perceptivo e ao propósito. A cultura pode influenciar a percepção, de maneira que uma pessoa possa ver coisas existentes. Entre os sexos, as persistentes diferenças na percepção e avaliação do meio ambiente podem levar a um desacordo intolerável. No entanto as pessoas podem desenvolver a acuidade perceptiva excepcional no processo de adaptar-se, com sucesso, ao desafio de um meio ambiente severo (TUAN, 1980).

Tuan, (1980) afirma ainda que o estudo da percepção, das atitudes e dos valores do meio ambiente é extraordinariamente complexo. Uma pessoa é um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único: percepção, atitude e valor refletem os três níveis do ser. Apesar de que a maioria das pessoas durante suas vidas, fazem pouco uso de seus poderes perceptivos.

Por fim o autor aponta a cultura e o meio ambiente o motivo que determinam em grande parte quais os sentidos são privilegiados. No mundo moderno tende-se a dar ênfase à visão em detrimento dos outros sentidos; o olfato e o tato principalmente por requererem proximidade e ritmo lento para funcionar e por despertarem emoções. Todos os homens compartilharam atitudes e perspectivas comum, contudo a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira fútil. Mas o grupo expressado e reforçando os padrões culturais da sociedade, afeta fortemente a percepção, a atitude e o valor que seus membros atribuem ao meio ambiente. Não podendo esquecer que a cultura pode influenciar a

percepção de tal modo que as pessoas verão coisas, que não existem. A percepção e os julgamentos do meio ambiente das pessoas nativas e dos visitantes mostram pouca consciência porque suas experiências e propósitos pouco tem em comum.

Penna (1982, p.285), explica alguns conceitos fundamentais na percepção como:

Perceber é conhecer, através dos sentidos, objetos e situações. O ato implica, como condição necessária, a proximidade do objeto de espaço e no tempo, bem como a possibilidade de se ter acesso direto ou imediato. Objetos distantes no tempo não podem ser percebidos. Podem ser evocados ou imaginados. Podem ser ainda, pensados. De qualquer modo fica excluída a possibilidade de serem percebidos. Também não podem ser percebidos objetos distantes no espaço quando ultrapassados os limites operacionais dos órgãos receptores ou quando obstruídos por barreiras. A distância no espaço tanto quanto a inacessibilidade direta ou indireta, exclui o ato perceptual. Fica em tais circunstâncias abertas, apenas, a possibilidade de serem pensados ou imaginados.

A possibilidade de maior enriquecimento informativo terá que ser atendida por uma multiplicação de processo perceptuais, ou através dos atos dos pensamentos.

Pena (1992) indica no decorrer de sua fala que o ato de perceber é definido em termos de inclusão do dado em categoria ou classe, o que equivale a sustentar a sua ocorrência em nível de abstração. A percepção foi conceituada como processo interpretativo, operando sobre dados sensoriais. Distingua-se assim no domínio do conhecimento sensível duas fases, etapas ou planos, representados pela sensação e pela percepção. De fato, é conhecer para, com base nos dados recolhidos, promover-se a coordenação da conduta. A percepção não se esgota, entretanto ai o papel desempenhado pela percepção; Corresponde-lhe em acréscimo uma função defensiva ou a de proteção contra eventuais estímulos ou constelações de estímulos que se possam revestir de significado ameaçador e lesivo.

Embora o presente e o passado estejam envolvidos no processo perceptivo, a orientação temporal dominante nele é a orientação para o futuro. A função primaria da percepção é a predição do futuro. No que concerne as formas assumidas pela percepção, destacam os gestaltistas as que se estruturam em termos de apreensão de totalidades e as que promovem a decomposição analítica dos conjuntos excitatórios. Enquanto a primeira seria espontânea ou natural, no sentido de não expressarem tipos sofisticados de convivência com a realidade, as últimas seriam eminentemente, artificiais, decorrendo de atitudes abrigadas pelo preceptor, em funções de estratégias definidas. Interferências emocionais, por outro lado,

representariam fatores atuantes, no sentido da composição de padrões analíticos (PENA, 1992).

Para Pena (1992), são três os métodos de pesquisa utilizados no estudo da percepção: o método experimental representado pelas técnicas psicofísicas e o método de reprodução ou de comparação ordenada. Discriminar por dois tipos de observação: a introspectiva clássica fenomenologia. Consideram que nada justifica a confusão entre ambas, em face das enormes diferenças que podem ser apontadas entre elas. Ao analisar as características que particularizam a percepção, destaca seis propriedades: (I) a organização, (II) a totalidade, (III) a constância, (IV) a transponibilidade, (V) a seletividade, e finalmente (VI) a flexibilidade ou dinamismo. Que o processo de perceber não se restringe a ser atividade de pura e simples assimilação de um componente figural, mas corresponde a uma total assimilação desses componentes e de todo o sistema contextual no qual se incluem como parte integrante.

Conforme o autor perceber é um campo total constituído de figura e fundo, de tema e campo temático, ou, ainda, formas e horizontes nos quais elas se recortam e em função dos quais se projetam como unidades destacadas. Não percebemos estruturas difusas e confusas.

Onde percebemos o campo estrutural e funcionalmente organizado, no sentido de neles se delimitarem unidades figurais e sistemas de referência em função dos quais aquelas se beneficiam de relevo e exibem propriedades particulares, propriedades que, de resto, alteram-se sempre que introduzidas modificações nos citados sistemas.

É o fato de que a percepção não se dá em abstrato, mais como processo que, efetivamente, é vivido por um preceptor. Os traços que compõe uma personalidade deste, bem como o motivo que nele soam predominados, constituem-se, então, as variáveis como interferências destacadas no processo perceptivo, respondendo pelas ações que num determinado momento favorecem certo estímulo em detrimento de outro (PENA, 1992).

Pena (1982), fala que a percepção do espaço é também o mais extenso, no sentido que se absorve uma considerável quantidade de questões absolutamente essenciais, para efeito de considerar a eficiência dos processos adaptativos. Fundamentalmente referem-se a apreensão dos objetos que se dispõem a nossa volta e que devem ser adequadamente manipulados.

Tal manipulação supõe que possamos considerá-los em função de suas qualidades de forma, volume, posição, distância e profundidade. Já a percepção do espaço é, obviamente, a própria definição do espaço enquanto realidade percebida, e o que constitui afirmações preliminares são, a que o espaço. Não possuindo nem regiões nem direções privilegiadas. Trata-se de um espaço homogêneo, físico. Nele as posições e as direções têm significados diversos. Certas direções me favorecem, outras dificultam determinados projetos de ação.

O ser percebe formas ou objetos, implica no apreender, se a estrutura visualizada como um todo e não apenas certos aspectos superficiais ou aparentes delas. Percebemos um todo o conjunto e não áreas externas limitadas. A diferença é a organização complexa do espaço percebido é um produto tanto de tendências originais e próprias do organismo quanto da aprendizagem de relação e de sentido de indicações através da experiência anterior. A maneira pela qual o organismo se ajusta e reajusta no mundo espacial depende desses fatores da experiência anterior. (PENA, 1982).

Para Claval (2010), nosso corpo é orientado: à nossa frente se estende aquilo que nosso olhar descobre. Apenas através dos rumores e dos odores que nos chegam dali, apreendemos o que está atrás. Do lado direito e do lado esquerdo, há zonas nas quais os olhos detectam os movimentos, mas captam mal as formas, um ligeiro movimento com a cabeça basta para descobri-las.

Há ainda o acima, da linha do olho para o alto, e o abaixo, da linha dos olhos para o chão. O tato completa, na zona de proximidade, aquilo que nossos olhos, ouvidos e nariz nos ensina. Uma outra esfera, que o olhar alcança, se entende para além desta, mas na qual somente os ruídos mais altos continuam a ser ouvidos, e onde são perceptíveis apenas os odores mais penetrantes, por último, há os espaços imaginados ou presumidos para além do horizonte.

As pessoas têm uma reação emotiva para diante dos lugares em que vivem, que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente. Alguns lhes agradam, lhes parecem agradáveis acolhedores ou calorosos; outros os seduzem por sua beleza, pela impressão de calma e de harmonia que deles emana ou pela força da emoção que eles suscitam.

Os homens são seres sensíveis: o espaço onde ele evolui não lhes parece já mais neutro. A reação que as pessoas experimentam em relação aos lugares que vivem é inseparável dos seres que eles aí encontram: “um único ser te falta e tudo

fica deserto!”. O indivíduo acaba, assim, por se tornar um, com os lugares que frequenta constantemente e com as pessoas que ele encontra lá, ele se funde numa comunidade, ou em comunidades inseridas umas das outras, já que o universo próximo é feito de esferas e escalas diferentes: comunidade familiar (mas para alguns esta é ausente), o círculo de amigos que se reúnem amiúde, a equipe de trabalho com a qual se partilha as dores mas também as alegrias, por ocasião de um choque amistoso, em torno de uma ou para se despedir de um colega que está se aposentando. As realidades percebidas são aparências, o que conta não é visível, normalmente não é sentido: os princípios que agem são ocultos (CLAVAL, 2010).

Considerando Christofolletti (1982, p. 126), a noção de espaço envolve um complexo de ideias. A percepção visual, o tato, o movimento e o pensamento se combinam para darmos o nosso sentido característico de espaço, possibilitando a capacidade para reconhecer e estruturar a disposição dos objetos. A valorização da percepção e das atitudes decorre a preocupação de verificar os gostos, as preferências, as características e as características dos lugares. Valoriza-se também o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos lugares, na sua personalidade e distinção. Há o entrelaçamento entre os grupos e o lugar.

Christofolletti (1982), ainda menciona que a superfície da terra é elaborada para cada pessoa pela refração através de lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias. Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagem, criando ordem e organizando espaço, tempo e casualidade, de acordo com nossas percepções e predileções. Algumas pessoas desenvolvem percepção tardia e grande parte das relações do homem com a natureza é uma função da carreira acadêmica que as mentes construíram da vida, do valor, da riqueza e da racionalidade.

Para os autores Souza et al. (1997), é uma tradição a teoria do processo senso-perceptivo como topologia senso-percepção nos remete a uma espacialidade de objetos que vão se ordenando à nossa frente como um mundo arrumado em pares de lugares do tipo perto-longe, alto-baixo, esquerdo-direito. Aqui a imagem não dissolve o racional, mas desnecessita da razão para legitimar-se como estatuto da realidade. Seja como for, a imagem deixa de ser o puro reflexo das formas do mundo objetivo no espelho da nossa sensibilidade ou o puro afloramento do ser ou de uma razão recôndita que vem à tona para ordenar nossa percepção. Não podia ser diferente num mundo que se constrói mirando-se na percepção das imagens que

nos circundam. O espaço topológico, percebido, vivido, produzido ou simbólico tem raiz na paisagem circundante. Ora, tanto quanto o nosso imaginário, a paisagem geográfica é a história cumulativamente tornada real, realizada.



A FRONTEIRA: RELAÇÕES NO ESPAÇO VIVIDO

3. A FRONTEIRA: RELAÇÕES NO ESPAÇO VIVIDO

Esta seção apresenta uma fronteira com costumes diferentes e distintos, onde estabelecem relações entre duas cidades fronteiriças, agregando a essa relação estabelecida, conflitos como soberania, a questão da divisão do espaço, a convivência mútua neste espaço, assim caracterizando a percepção da fronteira no contexto geopolítico da cidade, identificando as relações estabelecidas entre os moradores dos dois lados da fronteira, em uma abordagem perceptiva, apontando os elementos positivos e negativos.

A fronteira aqui estudada (Figura 10 e anexo 2) é constituída por dois países a República Federativa do Brasil e República Cooperativista da Guiana tiveram suas origens estabelecidas ainda no período de colonização onde ambos foram colonizados por países europeus, sendo o Brasil historicamente foi colonizado por um país ibérico, essa a coroa Portuguesa. Por consequência temos como língua oficial o português, enquanto a Guiana teve sua construção como nação mais complexa uma vez que foi colônia holandesa até (1814) e depois britânica (1831), permanecendo assim até 1966, quando ganhou a independência (OLIVEIRA E MAGALHÃES, 2016).

Oliveira e Magalhães (2016) relata que por consequência a língua falada no país o Inglês, reflexo esse do período da colonização, como concedido uma herança essa as línguas, costumes, tradições e um modo de viver diferenciado nesta linha fronteiriça. Mescladas a elementos da cultura caribenha, revela um perfil latino-americano distinto.

Ainda Oliveira e Magalhães (2016), fala que a população na Guiana apresenta características culturais marcantes dos grupos étnicos majoritários de indo-guianeses e afro-guianeses, mais densamente ocupando o litoral, e grupos indígenas. Onde a população do Brasil com características multiculturais também apresenta nessa região em questão uma grande parcela de povos indígenas.

Ainda nos reportando a formação desta fronteira, temos em vista a questão do Pirara (Figura 11), que consiste em uma disputa territorial entre o Brasil e a Grã-Bretanha que teve seu desfecho através de um tribunal internacional, dividindo as terras nos limites territoriais que conhecemos hoje.

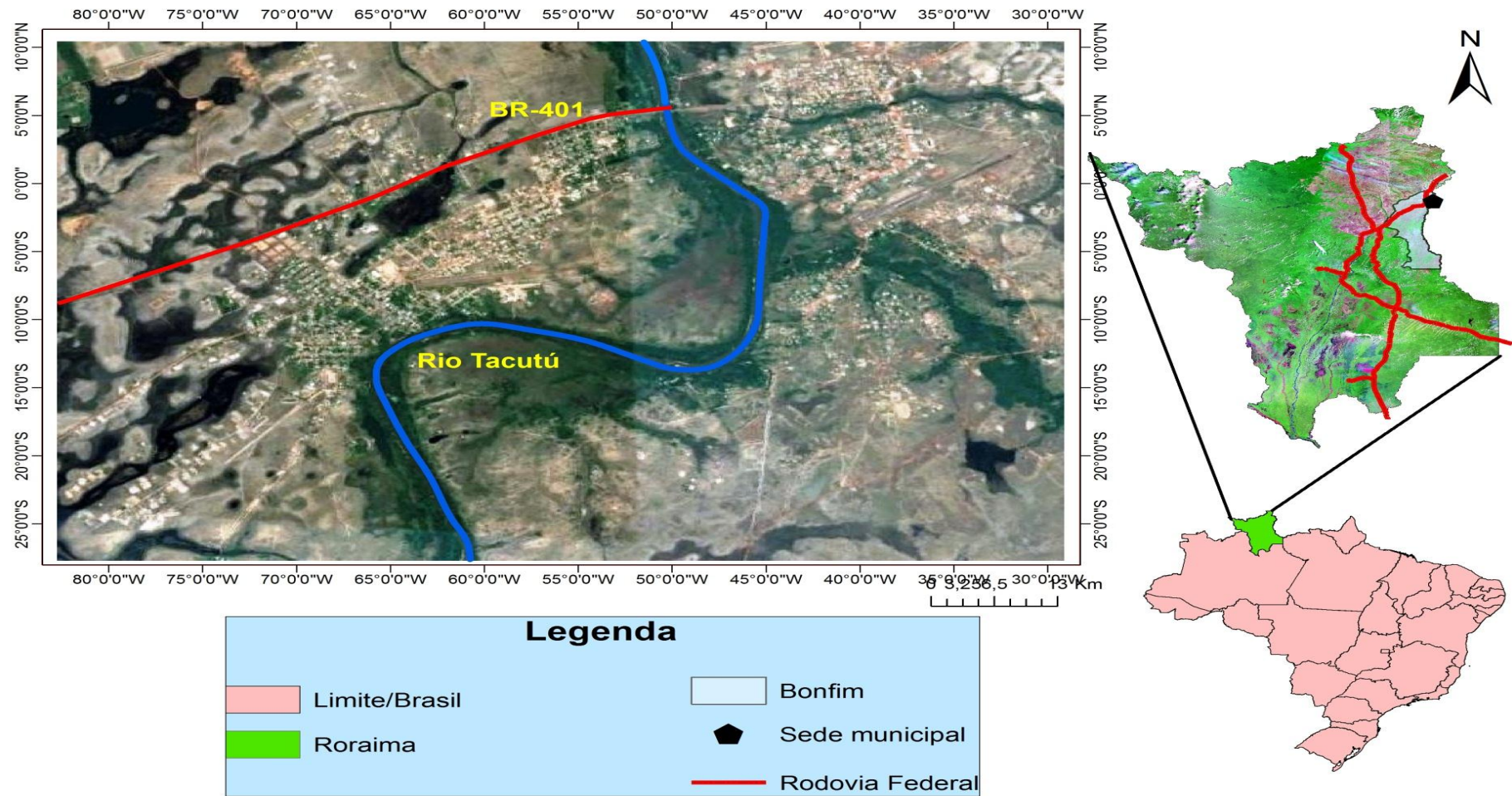
Segundo estudos de Oliveira e Magalhães (2016):

O termo Pirara denomina um rio da Guiana localizado próximo dos atuais territórios da fronteira entre os rios Cotingo-Tacutu e Buroburo-Essequibo, a leste de onde hoje está o atual Estado de Roraima. No passado, Pirara era uma maloca Makuxi, situada na margem sul de um igarapé do mesmo nome e que, na segunda metade do século XIX, quando a maloca já havia desaparecido, tornou-se referência ao processo de demarcação do território entre Brasil e Guiana.

A discussão jurídica e diplomática sobre os limites da fronteira entre Brasil e ex-Guiana Britânica estendeu-se até 1901, quando o Governo britânico propôs ao Governo brasileiro uma solução na definição de direito das terras em questão. Ficou acertado entre os dois governos que a proposta da região em litígio seria entregue para arbitragem de direitos ao rei da Itália, Vittorio Emanuel III. O Governo brasileiro confiou a Joaquim Nabuco a defesa de nossos direitos sobre a região disputada. Para isso, Joaquim Nabuco reuniu uma documentação abundante em favor do Brasil sobre a Questão do Pirara. Os argumentos britânicos tinham como uma das bases o conjunto de documentos apresentados pela expedição Shomburgk e relatos da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, além de alegar que as terras herdadas dos holandeses iriam até onde se estendiam suas alianças com os índios.

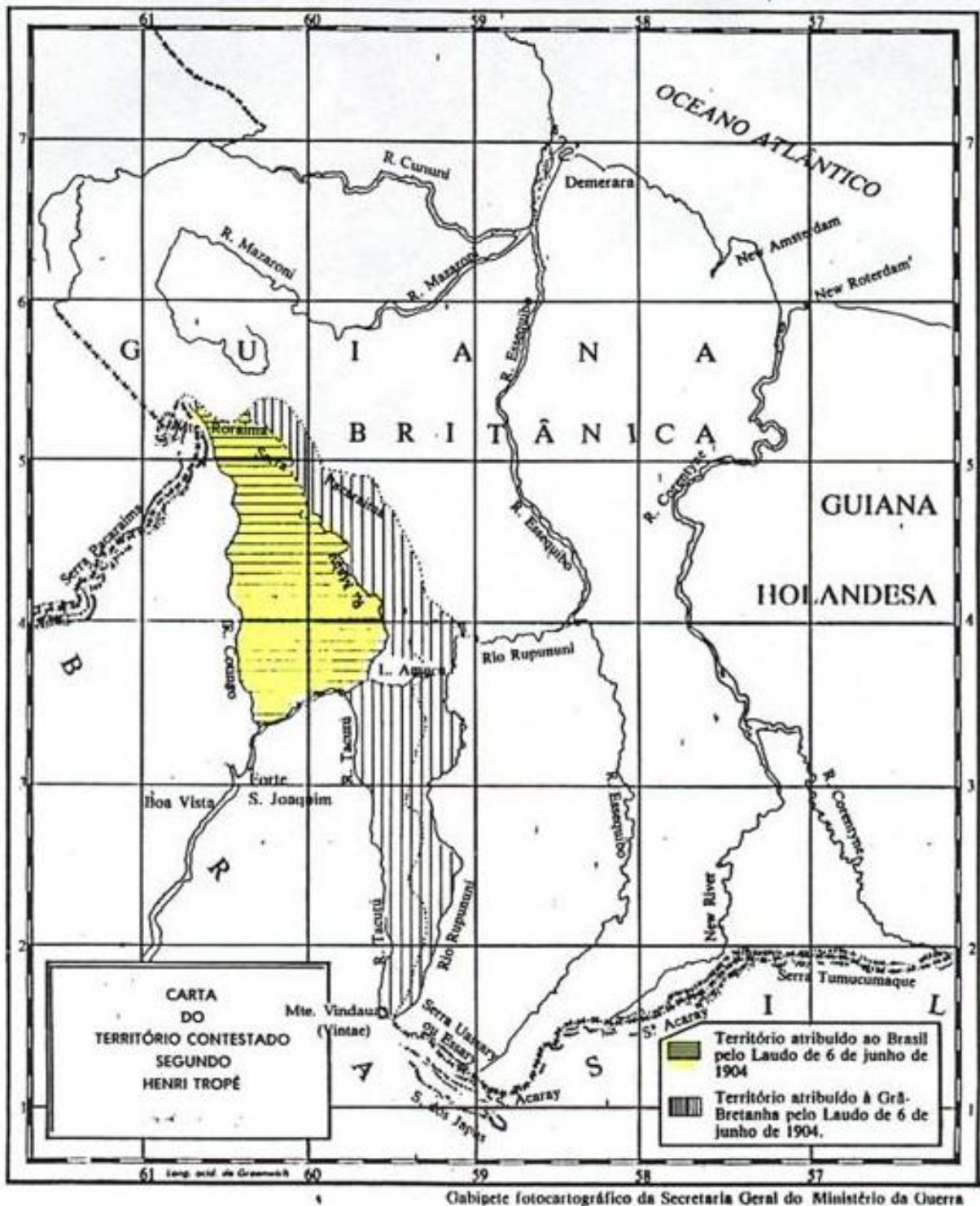
O resultado do laudo do rei italiano não favoreceu ao Brasil, quando, em 1904, Vittorio Emanuel III reconheceu como dos britânicos a maior extensão do território contestado. Com essa derrota, os brasileiros não puderam impedir o acesso dos ingleses à bacia Amazônica pelo Pirara. A região disputada foi dividida em duas partes: um território medindo 13.570 km² destinado ao Brasil, e outro medindo 19.630 km² que ficou com os britânicos.

Figura 10 Mapa apontando o rio como fronteira natural



Fonte: Modificado por Alexandre da Silva Cosme da base cartográfica do Google Earth, 2016

Figura 11 Questão do Pirara, território atribuído ao Brasil e à Grã-Bretanha em 1904



in J. NABUCO, 1941.

Fonte: Oliveira e Magalhães, 2016.

Através das entrevistas aplicadas aos bonfinenses, passaram por análise das percepções expostas por esses moradores de Bonfim – RR., foi possível analisar as percepções expostas por esses moradores no que se refere ao morar em uma área fronteiriça e no convívio com o outro lado, abordando os aspectos culturais e comerciais, apontando, dessa forma, os pontos positivos e negativos e como esses aspectos influenciam o viver em Bonfim.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS

A presente pesquisa ocorreu junto à área fronteiriça do Brasil com a República Cooperativista da Guiana, na cidade de Bonfim, estado de Roraima é o foco é a influência que sofre e exerce, devido ao fato de estar situada em uma área fronteiriça e a relação com a cidade de Lethem.

As inúmeras relações que se estabelecem entre estes grupos humanos nesta faixa de fronteira, em sua enorme diversidade socioeconômica, apontam a fragilidade dos limites internacionais, e a presença de conflitos em áreas de profunda diferenciação cultural e econômica. Como ocorreu outrora na questão do Pirara,

Ao analisarmos o pensamento geográfico no seu ângulo regional, verificamos que houve uma espécie de desdobramento do conceito espaço e região, ora priorizando-se propriedades como a continuidade espacial, a estabilidade sempre relativa e as relações horizontais, ora a sobreposição de áreas, os fluxos e as relações verticais ou hierárquicas como na concepção espacial, abordado por Santos (2008). A partir dessa ideia, desenvolveu-se uma complexa interação de fronteiras, redes e áreas onde dificilmente veríamos configurada uma região nos moldes tradicionais. Para analisar a existência de uma área transfronteiriça, propomos analisar:

- A percepção dos moradores de Bonfim – RR, no desenrolar das relações estabelecidas na dinâmica desta fronteira;
- A importância do comércio de Lethem para a população de Bonfim;
- A barreira linguística enquanto os brasileiros falam o português e os Guianeses a língua inglesa, como reflexo do período colonial;

- A barreira cultural, onde os costumes são distintos, entre ambos os lados da fronteira;
- O papel das múltiplas visões nas relações estabelecidas com os bonfinenses em ambos os lados da fronteira.

3.1.1 Relações estabelecidas com o outro lado da fronteira

Buscou-se compreender através de uma abordagem perceptiva, levando em consideração o modo de ver dos bonfinenses assim podemos analisar as relações estabelecidas nas diversas formas de ordenamento territorial aí estabelecida. Para isto, além da discussão da formação ou não de uma percepção transfronteiriça por parte da população local, foi necessário trabalhar com noções como a de espaço, território, fronteira ou limite internacional e percepção.

Ao abordamos a temática fronteira é importante ressaltar que faremos referência tanto à concepção de limite territorial da atuação jurídica do Estado quanto à concepção de fronteira enquanto a expansão econômica e cultural.

Ignorando muitas vezes a existência de limites ou fronteiras internacionais, intensificam-se as redes articuladas (Figura 12), principalmente pelos migrantes brasileiros que têm firmado esta transposição cultural e econômica, para além dos limites territoriais do estado brasileiro, onde as relações apresentam uma proximidade extrema ao grau de trânsito entre os dois países, se torna praticamente, livre, isso se reflete ao não ser solicitado o documento passaporte para ingressar ao país por brasileiros e guianenses.

Figura 12 Ponte Prefeito Olavo Brasil Filho, que interliga Brasil e Guiana



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

Relação transfronteiriça foi tomada aqui, sempre, em uma forma perceptiva de um olhar dos habitantes, tentando qualificar e caracterizar o relacionamento sentimental agregado ao espaço, como convivência, residência, que esse vínculo sentimental com um indivíduo ou grupo de indivíduos ou ainda o próprio espaço, em um espaço de tempo, que agrega, fará agregar valores neste local através de sua percepção.

Dentre algumas características das relações estabelecidas nesta faixa fronteiriça, podemos apontar como exemplo o turismo comercial, que ajuda a integrar as cidades de Bonfim e Lethem, este fato se deu uma vez que o lado guianense da fronteira desponta com o papel de fornecedor de produtos industrializados, que vendem uma vasta gama de produtos importados, que vão desde vestuário, calçados, utensílios domésticos, entre outros, com um valor abaixo do mercado brasileiro.

Com intensa fiscalização nas barreiras aduaneiras, os contrabandistas transportam o produto muitas vezes ilegal, nesse processo atravessam os produtos através do rio Tacutu, em pequenas embarcações, ou esperando uma brecha dos órgãos, evitando a travessia pela ponte sobre o rio Tacutu, assim driblando a fiscalização aduaneira devido as cotas impostas pelo governo, onde esse tipo de

comércio é feito por sacoleiros que compram e revendem os produtos contrabandeados, por esse motivo recebeu o nome de comércio formiga.

Apesar disso, essa prática vem perdendo espaço para as grandes lojas de departamento que as capitais próximas como Manaus – AM e Boa Vista – RR, possuem, enfraquecendo o mercado local, apesar desta realidade atual o comércio de Lethem na Guiana, ainda possui um papel fundamental na economia de fronteira.

Uma vez que possui uma vasta quantidade de lojas especializadas em comércio varejista, mas atendendo os consumidores no formato de atacado, assim produtos como camisas, calças, sapatos, peças íntima, são muito consumidos, é um atrativo para o consumo devido seu baixo custo, além de acessórios como bolsas, mochilas, malas de viagem, que é muito procurado no turismo comercial.

As lojas em Lethem (Figura 13), não se restringem somente a vestuários e acessórios, apresenta uma gama de produtos de utensílio doméstico, material esportivo, materiais de construção civil, materiais de esporte e lazer, até veículos automotores como motocicletas. Mostrando o grande potencial comercial que a cidade de Lethem oferece aos consumidores, onde a grande fatia desses consumidores é oriunda de Boa Vista – RR e Manaus – AM, que vêm em busca dos preços baixos praticados no comércio local.

Os consumidores não se restringem a somente essas duas cidades temos os consumidores de Bonfim – RR, que utilizam esse mercado, mas apresenta uma característica diferente dos consumidores de Boa Vista e Manaus, devido a proximidade da fronteira os produtos consumidos no comércio de Lethem geralmente são em pequenas quantidades. E ainda temos os próprios guianenses que consomem seus produtos, durante as entrevistas foram relatados por vendedores das lojas de Lethem, consumidores oriundos de outras cidades e estados do Brasil.

Figura 13 Lojas na cidade de Lethem



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

As relações transfronteiriças vão além do comércio ilegal chamado de formiga, como foi constatado *in loco*, muitos brasileiros residentes em Bonfim, trabalham em Lethem, e muitos Guianenses que trabalham em Lethem, residem em Bonfim.

Essa realidade nos leva alguns questionamentos como, qual o motivo que levou a optarem em trabalhar em Lethem e não em Bonfim? muitas vezes para esses grupos a fronteira não é levada em consideração no seu dia a dia, pois a integração estabelecida por eles na sua vivência, difere da conotação de fronteira tradicional. Onde essas indagações foram tratadas através da abordagem perceptivas desses indivíduos, como eles percebem essa realidade e essa relação atípica que só encontramos em áreas fronteiriças.

Segundo Brasil (2016, p. 97), o Brasil possui várias modalidades transfronteiriça e as dividiu em categorias que poderemos ver a seguir.

Margem: tipo de interação em que a população fronteiriça de cada lado do limite internacional mantém pouco contato entre si, exceto de tipo familiar ou para modestas trocas comerciais. As relações são mais fortes com o nacional de cada país do que entre si. A ausência de infraestrutura conectando os principais núcleos de povoamento é uma característica do modelo.

Zona-tampão: o termo é aplicado às zonas estratégicas onde o estado central restringe ou interdita o acesso à faixa e à zona de fronteira,

criando parques naturais nacionais, áreas protegidas ou áreas de reserva, como é o caso das terras indígenas.

Frentes: o termo é usualmente empregado para caracterizar frentes de povoamento. No caso das interações fronteiriças, a “frente” também designa outros tipos de dinâmicas espaciais, como a frente cultural (afinidades seletivas), a frente indígena ou a frente militar.

Capilar: as interações do tipo capilar podem ocorrer somente no nível local, como no caso das feiras, exemplo concreto de interação e integração fronteiriça espontânea. Pode ocorrer por meio de trocas difusas entre vizinhos com limitadas redes de comunicação, ou resultam de zonas de integração espontânea, nas quais o estado intervém pouco, principalmente não patrocinando a construção de infraestrutura de articulação transfronteiriça.

Sinapse: o modelo sinapse refere-se à presença de alto grau de troca entre as populações fronteiriças; é apoiado pelos estados contíguos. As cidades-gêmeas mais dinâmicas podem ser caracterizadas de acordo com esse modelo.

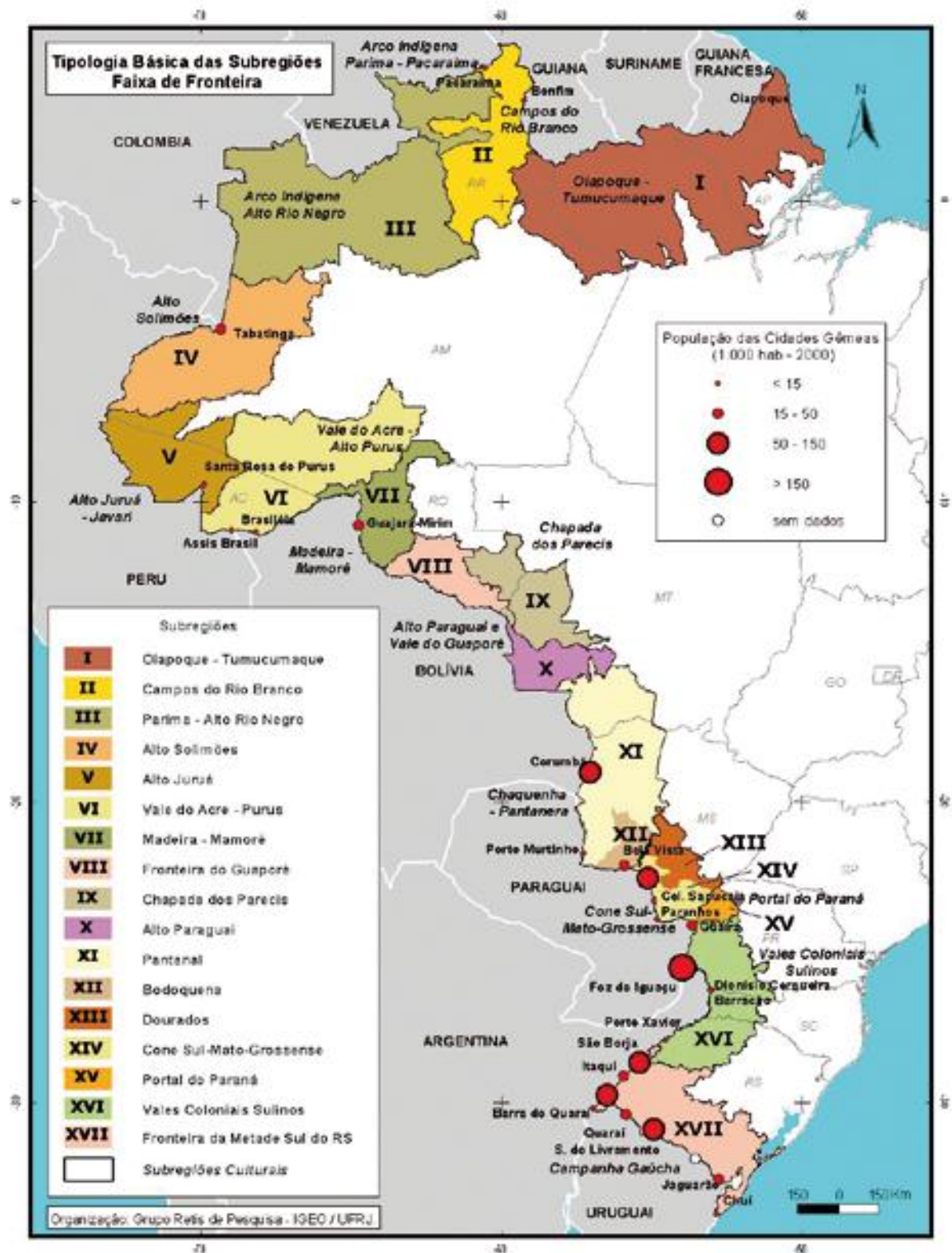
A relação estabelecida entre Bonfim e Lethem pode ser enquadrada como sinapse, por apresentar um grau elevado desses adensamentos populacional cortados pela linha de fronteira sendo essa fluvial, articulada, por obra de infraestrutura, a ponte apresenta grande potencial de integração econômica e cultural, assim como manifestações de problemas característicos de fronteira, como conflitos de interesse econômico, étnico, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional.

3.1.2 Relações culturais e comerciais

A fronteira tem sido objeto de estudo na Geografia, devido à relação estabelecida entre os dois lados, assim se faz necessário compreender as relações culturais e comerciais estabelecida em uma fronteira. Com o intuito de compreender suas as relações estabelecidas entre ambos os lados da fronteira.

Brasil (2016), fala que a noção de zona de fronteira é composta pelas faixas territoriais de cada lado do limite internacional (Figuras 14 e 15), caracterizadas por interações que criam um meio geográfico próprio de fronteira, só perceptível na escala local/regional, seria a forma ideal para tratamento dos fluxos de bens, capitais e pessoas. Entretanto, barreiras políticas, administrativas, legais e diplomáticas impedem esse tratamento, que para ocorrer, demandaria o estabelecimento, por parte dos países envolvidos, de zonas de integração fronteiriça.

Figura 14 Faixa de fronteira brasileira



Fonte: Ministério da Integração Nacional - Programa de promoção do desenvolvimento da faixa de fronteira – PDFF, 2016.

Figura 15 Faixa de fronteira proximidade Bonfim e Lethem



Fonte: Ministério da Integração Nacional - Programa de promoção do desenvolvimento da faixa de fronteira – PDFF (2016).

Durante grande parte do desenvolvimento da pesquisa houveram várias contribuições dos entrevistados, esses moradores da área urbana de Bonfim – RR, para a construção da presente pesquisa, onde buscou-se compreender a percepção e o processo de diferenciação frente ao outro.

A fronteira por muitos anos foi pensada e definida como uma ideia muito próxima ao conceito de limite territorial, mas é importante salientar que a mesma não é totalmente um limite, e sim uma condição para o estabelecimento de diferenças na relação entre eu e o outro. Nesse sentido, merece destaque o pensamento de Martin (1994), que se propôs em distinguir o limite e a fronteira. Em sua obra o limite é reconhecido como uma linha, e não pode, portanto ser habitado, já a fronteira ocupa uma faixa que constitui uma zona, muitas vezes bastante povoada onde os habitantes dos estados vizinhos podem desenvolver diversas relações.

Apesar de o rio (Figura 16), nesta pesquisa apresentar uma expressão simplesmente física de fronteira, buscou-se ir além desta visão onde a fronteira é composta de relações econômicas, culturais, que ajudam a construir a dinâmica desta fronteira.

Figura 16 Rio Tacutu, marco fronteiro entre o Brasil e a Guiana



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

A fronteira envolve relações culturais entre pessoas e identidades diferentes o que nos remete a ideia de que essa ainda é uma condição que estabelece as diferenças. Segundo relatos dos moradores que transitam na fronteira, foi enfatizado que questões como violência, tráfico, são alguns pontos que aponta uma fragilidade

na fronteira entre Brasil representado por Bonfim – RR e Guiana representada por Lethem.

Levando em consideração a gênese dessa fronteira, o modo como se deu sua formação, as relações estabelecidas no decorrer dos anos, são a consequência da consolidação desta fronteira, onde as potencialidades dessas relações, podem levar ao desenvolvimento de ambos os lados da fronteira, nesse caso a economia da cidade de Lethem na Guiana é mais aquecida, este fato se justifica pelas diversas relações que são estabelecidas com outras cidades através do seu comércio.

Dessa maneira percebe-se que a fronteira nasce da diferença, pois nela diferentes relações e concepções de vidas são identificadas, devido as diferenças entre as inúmeras pessoas que transitam nesta fronteira, pois encontramos pessoas de diferentes estados de origem, trazendo consigo um calhamaço cultural que diferencia pessoa a pessoa, alterando o lugar onde está inserido. Essas relações comerciais quando nos reportamos a Lethem desponta como um polo comercial, devido a aglomeração de lojas de produtos de vestuário, calçados, utensílios domésticos, entre outros, que para o poder aquisitivo do brasileiro, se tornam atrativos, pelo baixo preço.

Este tipo de comércio teve seu início na década de 90, segundo relatos dos moradores locais, estes atravessadores compram essas mercadorias na cidade de Lethem e destinavam para venda nos estados de Roraima e Amazonas.

Essa prática nos últimos anos vem diminuindo, devido à chegada de grades redes atacadistas nessas capitais e o aumento do preço dos produtos na Guiana que já não são tão atrativos quanto outrora.

Tais relações rendem interpretações de grande importância acerca da fronteira, que permite uma identificação seguida do processo de diferenciação. Relatos coletados durante a pesquisa, percebeu-se um certo preconceito por parte dos bonfinenses com relação a utilização de produtos oriundos da cidade de Lethem, como bolsas, roupas e sapatos. Ao serem perguntados se gostariam de receber um produto oriundo da cidade de Lethem, a grande maioria dos entrevistados respondeu, que em datas comemorativas preferem receber produtos oriundo de outras localidades (LIMA, 2016)¹

¹ LIMA, Lucimar Pereira. Entrevista I. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

Esse processo perceptível na fronteira a partir do momento em que é possível identificar povos colonizadores diferentes, com costumes e culturas diferentes dividindo uma mesma faixa territorial, o indivíduo assume uma identidade de diferenciação. É importante salientar o fato de que a fronteira pode ser vista também como um conjunto de múltiplas relações econômicas, sociais, políticas e culturais.

A cidade de Lethem devido sua grande quantidade de comércios, disposta como grande fonte de empregos para os bonfinenses, onde essas pessoas trafegam diariamente na fronteira, passando de um lado para o outro indo de suas residências no lado brasileiro para seu trabalho no lado guianense.

Devido a boa relação política estabelecida entre os dois lados da fronteira, algumas famílias oriundas da Guiana conseguem dupla cidadania e estabelecem sua moradia no lado brasileiro da fronteira Esta prática realizada por guianenses não é vista com bons olhos por moradores bonfinenses foi relatado que esses moradores com dupla nacionalidade passam a ter acesso a alguns benefícios sociais como saúde, educação e moradia, através de programas nacionais brasileiros, que acaba despertando um sentimento de reprovação dos Bonfinenses, dessa prática feita por famílias de origem Guianense.

Para Oliveira (2016), a noção de fronteira embora tenha existido em diferentes momentos históricos, seu significado varia no tempo e no espaço, pois a fronteira hoje muito mais que uma simples faixa abrange identidades diferentes a fronteira representa não apenas o desencontro de diferentes visões de mundo, mas a coexistência de diferentes espaços temporalidades. Assim sendo, a mesma poderá influenciar na construção da identidade do sujeito através das relações econômicas e culturais que são estabelecidas.

Lethem desponta como fonte geradora de emprego para os bonfinenses, uma vez que o comércio do outro lado da fronteira é voltado para o público principalmente brasileiro (Figura 17) deste modo à cultura brasileira. Influencia o comércio de Lethem, através da língua falada que é o português é a língua por grande parte do comércio, para melhor atender os clientes de origem brasileira.

Alimentação é outra a forma de tratar os que ali vão fazer compras, devido a presença de brasileiros, o próprio bonfinenses que auxiliam a aquecer a economia em Lethem, comprando seus produtos. Assim estabelecendo uma relação podendo ser considerada simbiótica.

Figura 17 Loja em Lethem, onde vende produtos voltados ao público brasileiro



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

3.2 PERCEPÇÃO: PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS NAS RELAÇÕES FRONTEIRIÇAS

O homem possui várias habilidades entre elas a de perceber o seu entorno, e a percepção é o resultado direto da atitude de observa, com o seu emocional e grau de conhecimento. Ou seja, ao ato de perceber o homem pode perceber a mesma paisagem de várias formas.

Como são abordadas segundo os ensinamentos de Claval (2010), as pessoas possuem uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente. Alguns lhe agradam, lhe parecem agradáveis acolhedores ou calorosos; outros os seduzem por sua beleza, pela impressão de calma e de harmonia que deles emana ou pela força da emoção que eles suscitam. Kant (2001, p. 49) afirma que:

Existem três formas de gerar fontes subjetivas para conhecer algo: Sentido de estrutura cognitiva que se apropria de sensações em razão de contato intuitivo e direto com a realidade. Imaginação onde o sentido nato de gerar imagem em geral e a percepção que é capacidade de dotar a consciência para reconhecer o objeto e suas representações. Portanto, percepção é a autoconsciência subjetiva realizada na dimensão empírica do conhecimento. Ao percebermos algo estamos adquirindo conhecimento, como exemplo, quando nos deparamos com algo novo

primeiro observamos e posteriormente tentamos manuseá-lo, pois ao conseguirmos manuseá-lo, já adquirimos conhecimento. A percepção é um mecanismo para identificar e reconhecer algo. Também afirmam que, a percepção apresenta-se como protagonista na mediação para gerar conhecimento, entretanto, não é considerada detentora do conhecer puro ou completo.

A percepção de um indivíduo pode alterar devido fator externo, como relata Tuan (1980) falando que as pessoas podem desenvolver a acuidade perceptiva excepcional no processo de adaptar-se, com sucesso, ao desafio de um meio ambiente severo, onde o próprio meio ambiente físico tem efeito sobre a percepção.

Podendo se apresentar de inúmeras maneiras entre elas as percepções positivas e negativas que vão de encontro ao modo do espaço vivido. Levando em consideração o modo como o ser observa, e como está inserido neste meio, podem refletir relações boas ou agradáveis ou seja uma percepção positiva e quando essa vivencia estabelecida é ruim ou desagradável irá ensejar a uma percepção negativa.

Essa positiva ou negativa pode variar em relação ao mesmo objeto uma vez que essa percepção é individual, onde acarretará em um mesmo objeto poderá apresentar várias percepções, podendo ser positiva e uma negativa, variando conforme o ângulo de percebe.

3.2.1 Pontos positivos citados por entrevistados

Através das entrevistas aplicadas aos bonfinenses (Figura 18), foram obtidos inúmeros resultados de maneiras diferenciadas a fim de perceberem o espaço aqui estudado, entre essas percepções foram obtidas percepções positivas, que poderemos observar abaixo.

Figura 18 Comerciante de Bonfim – RR, sendo entrevistado



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

A cidade de Bonfim apresenta uma proximidade geográfica, ampla com a cidade de Lethem, uma vez que seu marco limitador é o rio Tacutu, onde apresenta uma função de um limitador de contato entre as cidades, no entanto a ponte Olavo Brasil filho, apresenta função de conector entre as cidades, quando nos reportamos à proximidade entre essas cidades, vamos além de uma proximidade física, mas sim de um enredo de relações estabelecidas entre si que constituem essa proximidade.

Segundo o relato do entrevistado Souza (2016)², Lethem é uma oportunidade de trabalho, em Bonfim não tinha perspectiva, (informação verbal).

Após as análises das entrevistas, pode-se perceber que Bonfim e Lethem possuem uma afinidade mútua através do comércio de Lethem que atrai para contratação a mão de obra os bonfinenses. Grande parte dessa mão de obra é utilizada nas lojas varejistas e atacadistas de Lethem, onde o salário mínimo percebido na Guiana é GYD\$ 45.000,00, (CONSULADO DA ESPANHA NA GUIANA, 2016).

² SOUZA, Rener Costa. Entrevista I. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

Este salário mínimo, pago em Dólar de Guiana é equivalente a R\$ 692,30 que é pago aos brasileiros, que prestam serviço em Lethem. Outros benefícios como vale alimentação e vale transporte, não são concedidos aos brasileiros que ali trabalham, uma vez que o vale transporte não é possível seu pagamento, por se tratar de traslado em uma fronteira, quanto ao vale alimentação, não é concedido devido essa prática não ser utilizada no país vizinho.

A diferença entre o salário base guianense e brasileiro é visível sendo que no mesmo período o salário mínimo brasileiro é de R\$ 880,00, conforme decreto Nº 8.618, DE 29.12.2015, publicado no diário oficial da união em 30.12.2015, pela presidência da república brasileira (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA BRASIL, 2016).

Associado a perda de poder de compra para os brasileiros que possuem vínculo empregatício na cidade de Lethem. Outro agravante é a perda de benefícios trabalhistas aos brasileiros que trabalham no comércio de Lethem vai além dos benefícios aqui citados, devido a fonte pagadora estar em outro país no caso a Guiana, o tempo de serviço dos bonfinenses, não contará para seu tempo de contribuição para a Previdência Social Brasileira, que acarretará em dificuldades futuras, com relação as suas aposentadorias, no Brasil, influenciando no tempo de contribuição na previdência social Guianense, uma vez que, parte destes brasileiros se encontram de forma irregular.

Apesar de toda situação trabalhista exposta, os bonfinenses que prestam, serviços no comércio de Lethem, veem essa oportunidade de emprego de forma positiva, como foi percebido durante as entrevistas.

Os entrevistados externalizam a satisfação em poder trabalhar no comércio de Lethem, e a justificativa para essa satisfação é a cidade de Bonfim, não possui essa capacidade de gerar emprego para sua própria população, já grande parte dos empregos é composta pela economia do contra cheque com cargos públicos federais, estaduais e municipais e pequenos comerciantes e quanto o comércio de Lethem ganha a conotação de provedor do sustendo de inúmeras famílias em Bonfim, que não se enquadram as funções acima citados, assim estreitando os laços entre Bonfim e Lethem.

Segundo o relato da entrevistada Melo (2016)³, expõe que o atendimento nas unidades básicas de saúde em Bonfim é bom e rápido. (Informação verbal).

³ MELO, Lucilene Fonteles. Entrevista II. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice desta dissertação.

Onde essa satisfação com relação ao atendimento básico de saúde, se mostrou satisfatório, não somente por essa entrevistada, mas por grande parte dos entrevistados, assim mostrando que a saúde em Bonfim, atende a sua população, somente atendimentos de alta complexidade que são encaminhados a capital Boa Vista – RR, para seu atendimento.

Essa realidade apresenta outro lado, que a vinda de estrangeiros oriundo da Guiana que vem busca desse atendimento na unidade básica de saúde, que será abordado no item abaixo.

3.2.2 Pontos negativos citados por entrevistados

Assim como alguns pontos positivos foram apontados, a partir da percepção dos moradores de Bonfim, também foram apontados alguns pontos negativos que serão mostrados a seguir.

Um dos pontos que foram relatados durante as entrevistas, foi à questão da fragilidade da fronteira, no contexto que os pontos aduaneiros fiscalizadores se concentram próximo à ponte Olavo Brasil filho, isso se tratando de ambos os lados da fronteira, o lado brasileiro o controle desta fronteira é de responsabilidade do 1º pelotão especial de Fronteira - 1º PEF / 7º BIS, que segundo os relatos dos moradores locais, o batalhão não consegue transmitir o sentimento de segurança com relação a preservação e controle da segurança na fronteira.

Segundo o relato da moradora Lima (2016) ⁴ a fronteira é usada para o descaminho de produtos ilícitos como drogas e armas (Informação verbal).

Além de fragilidades encontradas, temos um agravante que o marco fronteiriço é o rio Tacutu assim, sendo facilmente atravessado por pequenas embarcações (canoas), trafegando de uma margem para a outra livremente, já que rio Tacutu possui uma grande extensão que dificulta a fiscalização dos órgãos competentes.

Favorecendo o descaminho de produtos como tráfico de drogas e de mercadorias, que acabam não passando por seus postos reguladores brasileiros como receita federal, polícia federal e vigilância sanitária federal, não gerando

⁴ LIMA, Lucimar Pereira. Entrevista III. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice desta dissertação.

recolhimento de impostos por parte do governo brasileiro, demonstra a fragilidade desta fronteira.

Outro ponto que é visto de forma negativa, relato esses concedidos por entrevistados, foi a presença de guianenses que residem em Bonfim, que solicitam ao governo brasileiro uma segunda nacionalidade, e passam a ter direito aos benefícios concedidos pelo governo brasileiros entre eles se cadastrarem no projeto minha casa minha vida, bolsa família e o acesso ao sistema único de saúde que na Guiana o acesso à saúde é precário.

Quando foi perguntado ao morador de Bonfim como ele vê o comércio de Bonfim, a resposta foi negativa, segundo relatos dos bonfinenses o comércio local não tem capacidade de atender a população, devido não apresentar variedades de mercadorias, e utilizarem preços mais elevados comércio local que os praticados na capital Boa Vista – RR, devido à presença de grandes redes atacadistas na capital.

Assim parte da população de Bonfim – RR acaba se dirigindo até a capital do estado de Roraima, para fazer compras de produtos alimentícios e vestuários, para suprir suas necessidades, já que o comércio local não consegue suprir essa demanda. Produtos de construção civil, grande parte deles são adquiridos do outro lado da fronteira, pois o custo de produtos de construção civil é mais atrativo em Lethem.

Outra situação exposta por moradores durante a entrevista é o preconceito por parte dos moradores de Bonfim dos produtos de origem Guianense, como vestuários, camisas, calças, sapatos, bolsas que segundo relatos os produtos não apresentam uma procedência confiável, preferem comprar esses produtos em outras localidades como a capital de Boa Vista – RR.

Fatos curiosos foram expostos por Lima (2016)⁵ e devem ser levados em consideração uma vez que os seus vizinhos em ocasiões de festas de confraternização, onde as mesmas apresentam amigo oculto (troca de presentes), não aceitam presentes que sua origem seja de Lethem. (Informação verbal).

Outra realidade apontada, é que parte da população de cidades como Boa Vista – RR, Manaus – AM, vai até Lethem comprar suas mercadorias por apresentarem um preço atrativo abaixo do mercado brasileiro, enquanto alguns moradores de Bonfim – RR, preferem não fazer a aquisição desses produtos por um

⁵ LIMA, Lucimar Pereira. Entrevista IV. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice desta dissertação.

tipo de preconceito, que pode ter sido gerado devido à facilidade de acesso a essas mercadorias por parte dos moradores de Bonfim – RR, por precisarem somente atravessar a fronteira, para adquirir essas mercadorias.

Quando nos deparamos com realidade de geração de empregos na cidade de Bonfim, podemos perceber que é ponto extremamente negativo, uma vez que Bonfim não consegue gerar postos de trabalho que atenda a demanda da população local, situação que leva a muitos moradores buscarem postos de trabalho em Lethem mesmo com o salário mais baixo que o mínimo brasileiro e sem os direitos trabalhistas e de previdência.

Através das declarações dos moradores no decorrer das entrevistas, foi observado que parte da população de Bonfim, atravessam a fronteira em busca de trabalho, acarretando em algumas consequências, como a de morar em um país e trabalhar em outro, como ocorre com parte dos bonfinenses. Essa prática possui seus pontos negativos, como o não recolhimento de previdência social, já que a fonte pagadora está do outro lado da fronteira, e está sobre outra legislação, e benefícios como vale transporte e vale alimentação, que não são obrigatórios no outro lado da fronteira.

Segundo moradora Silva (2016) ⁶ ela afirma que é de suma importância o comércio de Lethem, para a geração de empregos aos bonfinenses, uma vez que o comércio de Lethem é mais aquecido devido possuir produtos mais baratos, atraindo vários consumidores brasileiros (Informação verbal).

Outro empasse e a questão da geração de emprego em Bonfim, sendo prejudicada pelo embargo a Zona de Livre Comércio - ZLC, que tirou a perspectiva de crescimento de Bonfim apresentando uma aparência de uma vez que devido a essa situação, as empresas de outras localidades perderam o interesse em investir na cidade de Bonfim, acarretando em prejuízo à cidade.

Segundo a entrevista, publicada por G1-RR (2016), relata que uma decisão judicial determinou, em caráter liminar, a suspensão das obras de construção da área de Livre comércio de Bonfim, no interior do estado, após o Ministério Público de Roraima (MPRR) entrar com uma ação civil pública para impedir a continuidade das obras.

⁶ SILVA, Fernanda de Fátima Nascimento. Entrevista V. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice desta dissertação.

Segundo o MPRR, há fatos que apontam para irregularidades em que a atual prefeita do município de Bonfim e seu esposo e ex-prefeito, doaram terrenos de maneira ilegal para parentes, amigos, correligionários, secretários e, inclusive, para si próprio, que seriam utilizados para a instalação da área. A decisão também impede que outras 14 empresas e 24 pessoas que possuem imóveis na área de livre comércio - ALC deem continuidade às obras (G1-RR 2016).

Segundo o relato do entrevistado SILVA (2016) fala que durante a implantação da ZLC (Figura 19), criou-se grande expectativa de crescimento de Bonfim, por parte dos comerciantes locais, e chegaram a fazer investimentos, como terrenos, construção de depósitos, para alugarem ou venderem para as empresas que seriam beneficiadas coma criação da ZLC, no entanto quando a Zona de Livre comércio foi transferida para Boa Vista, onde perdeu-se o interesse em investir em Bonfim (Informação verbal).

Figura 19 Posto de fiscalização, da zona de livre comércio em Bonfim – RR



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

3.3 O VIVER EM BONFIM, A PERCEPÇÃO DO MODO DE VIVER

Quando falamos do modo de vida da população urbana de Bonfim – RR, nos retratamos a uma parcela da população que possuem origens distintas, costumes diferenciados, onde apresentam uma influência dessa fronteira e também influenciam na forma de viver em Bonfim.

Assim, está sendo abordado como se dá o modo de vida dos moradores da área urbana de Bonfim onde essa população é de aproximadamente 3.711 pessoas que vivem na zona urbana, segundo dados do IBGE (2010).

Através de uma abordagem perceptiva, onde os resultados da entrevista feita com os moradores da área urbana, pode-se perceber como eles vêm o viver em Bonfim. Mas devemos levar em consideração o perfil desses entrevistados, (Figura 20).

Figura 20 Identidade de gênero do entrevistado

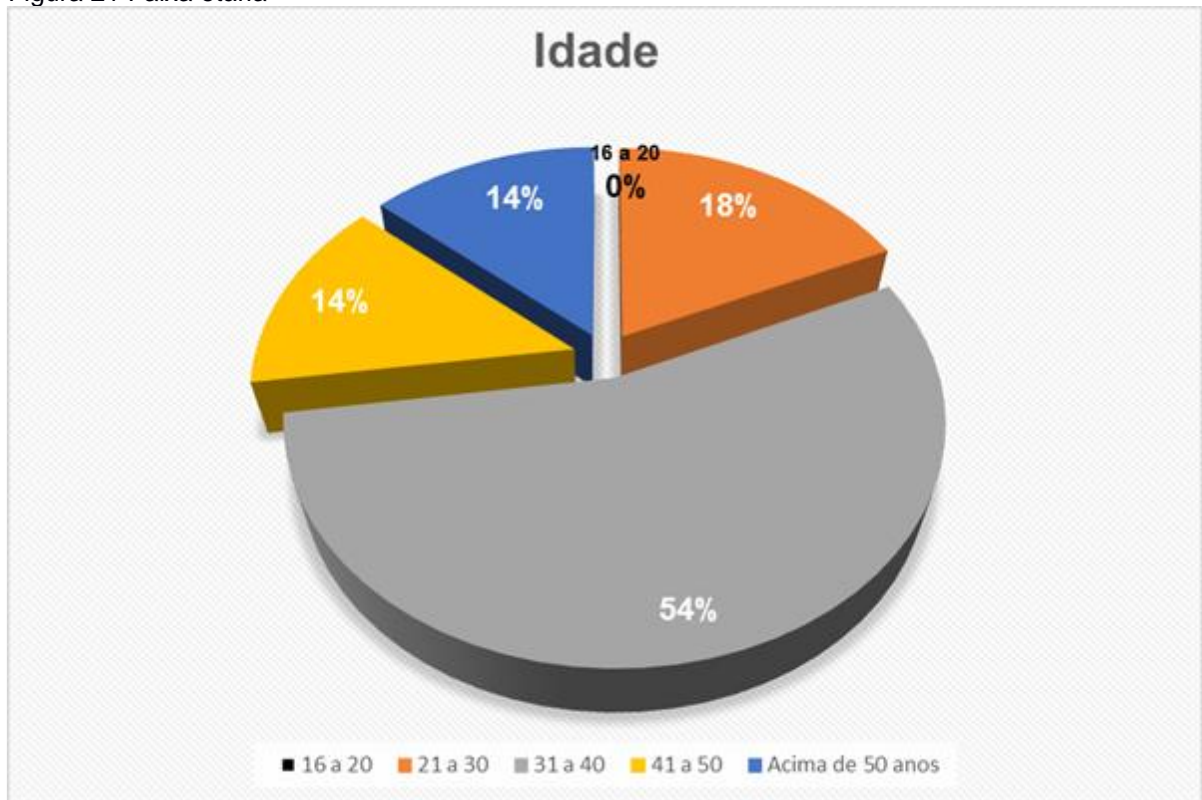


Elaborado por: Alexandre da Silva Cosme, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2016.

Durante as entrevistas percebeu-se que a maior parte dos entrevistados se tratavam de mulheres, mulheres essas que apontam com uma importante função dentro de suas famílias ou como auxiliadora na formação da renda familiar ou como principal provedora de renda. Trazendo essas características das mulheres ativas

no molde das estruturas familiares atuais. Não podemos deixar de falar da presença dos homens durante essas entrevistas, que contribuíram de igual forma no decorrer da pesquisa.

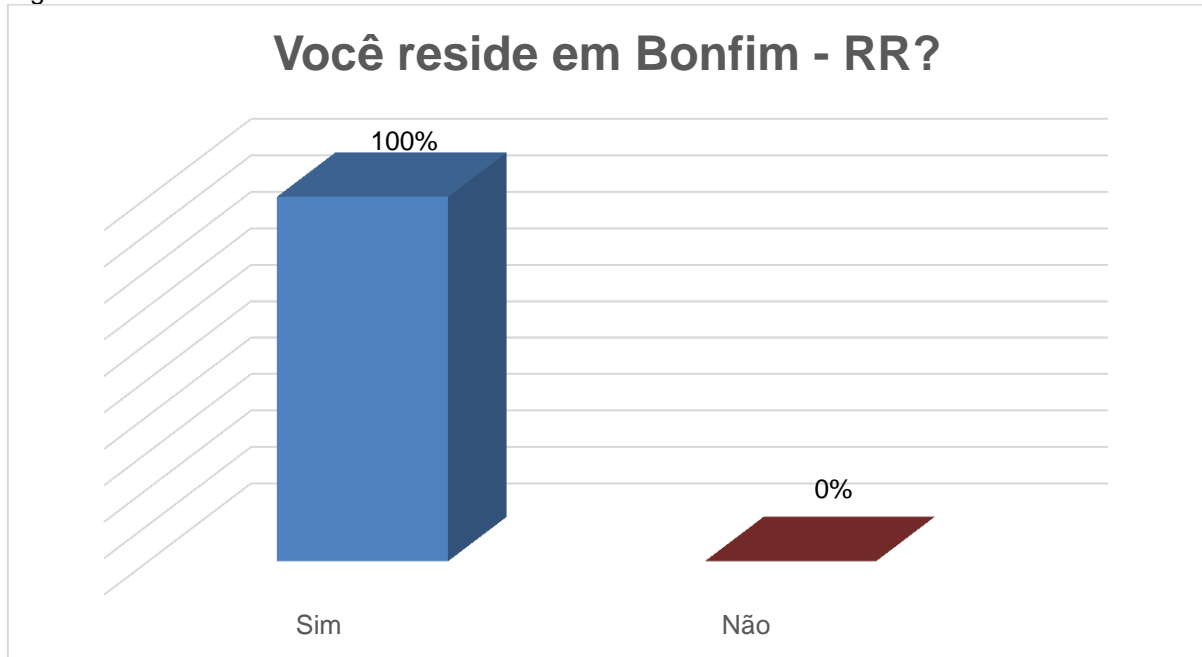
Figura 21 Faixa etária



Elaborado por: Alexandre da Silva Cosme, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2016.

Para favorecer a pesquisa foi entrevistado pessoas com no mínimo 16 anos de idade, essa aplicada a população local, onde mais da metade desses entrevistados possuem idades entre 31 e 40 anos, (Figura 21), ou seja, se encontram no seu ápice, desenvolvendo suas atividades, relacionamentos, trabalho, convivência, assim desempenhando um importante papel nas relações estabelecidas nesta fronteira, sendo seus atores.

Figura 22 Residentes na área de estudo



Elaborado por: Alexandre da Silva Cosme, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2016.

Ao perguntar se de fato o entrevistado reside em Bonfim – RR, é de suma importância para a presente pesquisa, que a resposta seja positiva, uma vez que para se falar de uma relação estabelecida com uma fronteira, o entrevistado precisa de propriedade, essa só se apresenta se o entrevistado estiver inserido na realidade fronteiriça, (Figura 22). Nos casos que a resposta foi negativa, não houve sentido em dar prosseguimento a entrevista, já que o mesmo não conseguiu responder as perguntas da entrevista, uma vez que não viviam a realidade da fronteira, ou eram turistas ou estavam de passagem, possuindo um olhar superficial acerca das relações em uma área de fronteira.

Figura 23 Tempo de residência e suas contribuições



Elaborado por: Alexandre da Silva Cosme, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2016.

Ao falarmos em tempo de residência é muito importante para a pesquisa que os moradores tenham de fato relações estabelecidas com o lugar onde reside e esse tipo de relacionamento necessita de tempo para se estabelecer, quanto maior o tempo de residência, maior a possibilidade de aprofundar essas relações.

A maior parte dos moradores entrevistados possuem mais de cinco anos que residem, (Figura 23), possuem casa própria, demonstram que pretendem continuar morando em Bonfim –RR, apontado para um auto grau de vínculo com a localidade, através deste relacionamento agregando valores a eles, nostalgia, lembranças, satisfação de bem está por ser Bonfinense ou emigrante que adotou a terra como sua moradia isso, construindo, moldando e alterando a complexa dinâmica fronteiriça

Figura 24 Distribuição da área de estudo

Qual o bairro que você mora?	%
Centro	32%
Getúlio Vargas	18%
São Francisco	13%
Cidade Nova	14%
1º de Julho	9%
13 de Maio	14%
Outro	0%
TOTAL	100%

Elaborado por: Alexandre da Silva Cosme, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2016.

A cidade de Bonfim é dividida em 6 bairros, sendo o centro concentrados a administração pública, o comércio, serviços públicos, residências, e os demais bairros sendo principalmente áreas residenciais, onde a maior parte dos entrevistados se encontram centro da cidade, (Figura 24), onde a localização geográfica dentro da área urbana de Bonfim, pode influenciar diretamente na percepção do entrevistado.

Sendo que o morador do bairro centro, pela própria denominação se localiza no centro da cidade, ficando distante das áreas periféricas essas o rio Tacutu área de fronteira e a RR 401 que leva a fronteira, os moradores dos demais bairros , apresentam uma percepção diferenciada do centro da cidade, exemplo o morador que reside próximo ao rio tende a perceber o rio e se relacionar com o mesmo, o morador que reside próximo a RR 401 demonstra uma maior afinidade com a rodovia estadual, são características diversas diferenciadas por localizações geográficas distintas, ou seja a percepção ela se altera dependendo de quem vê e onde o observador está situado.

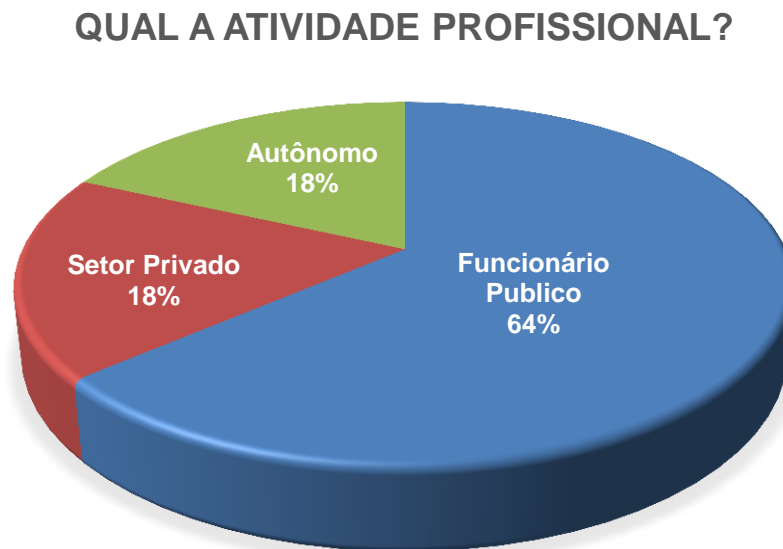
Figura 25 Nível educacional

Qual à escolaridade?	%
Não frequentou a escola	0%
Fundamental incompleto	14%
Fundamental Completo	4%
Médio incompleto	4%
Médio Completo	23%
Técnico	9%
Superior incompleto	5%
Superior Completo	32%
Pós-graduação	9%
Total	100%

Elaborado por: Alexandre da Silva Cosme, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2016.

Quando falamos em escolarização, nível educacional, nível de desenvolvimento intelectual, temos que levar em consideração que o nível de ensino e suas áreas de conhecimento, a formação do entrevistado ou nível de ensino deste indivíduo vai influenciar a percepção do mesmo, se eu sou um pescador, minha especialidade é peixe, então vou me direcionar ao rio, se eu sou um motorista, vou me direcionar às localidades e estradas. Podemos tomar esses exemplos e trazer para a realidade de Bonfim, onde 23% dos entrevistados possuem ensino médio completo e ou percentual maior cerca de 32% desses entrevistados possuem ensino superior completo, (Figura 25), mostrando um auto grau de escolarização dos entrevistados.

Figura 26 Distribuição da fronteira em setores



Elaborado por: Alexandre da Silva Cosme, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2016.

O público alvo desta pesquisa, os moradores de Bonfim, especificamente de sua área urbana, exerce suas funções, distribuídos em vários setores de prestação de serviços, entre esses a maior fatia é composta de funcionários públicos, mostrando que a economia está alienada a renda desses funcionários, chamado de economia do contra cheque, devido ao setor privado e o autônomo não ser expressivos, (Figura 26).

Abrindo uma necessidade de renda para o público bonfinense mais jovens que está tentando se inserir no mercado de trabalho, acarretando em buscar em outros mercados suprir sua necessidade, aqui neste caso no outro lado da fronteira no comércio de Lethem.

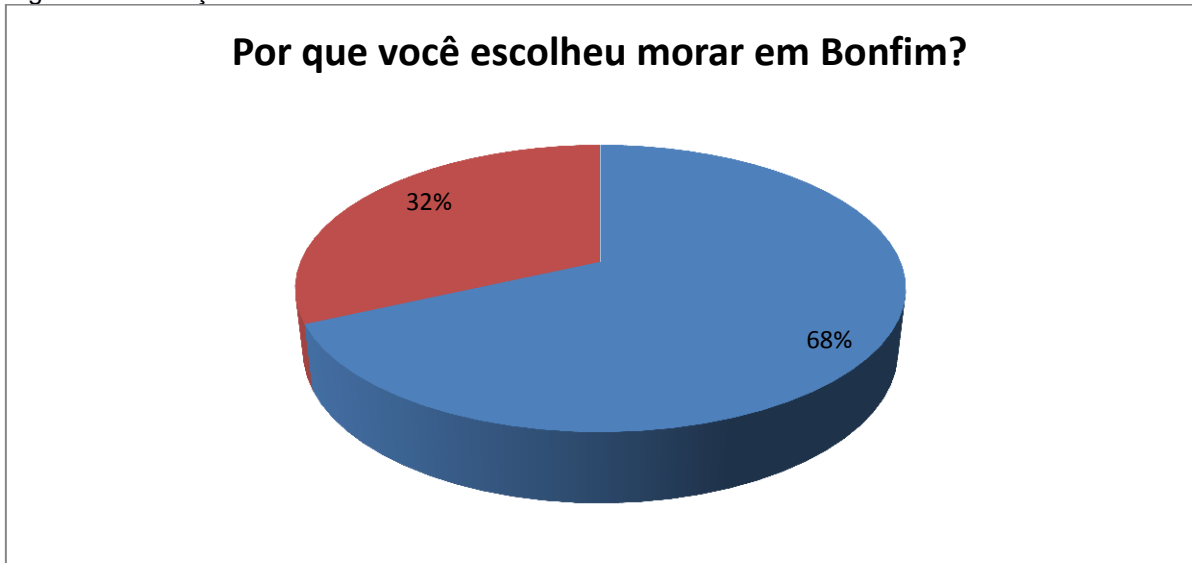
Figura 27 Origem



Elaborado por: Alexandre da Silva Cosme, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2016.

Como em toda fronteira que dispõe de uma influência de mais de uma cultura e modos diferenciados de se viver, é importante analisarmos como os moradores de Bonfim percebem essa realidade, (Figura 27), onde o ponto de vista unilateral neste caso brasileiro é de suma importância para que tenhamos a percepção de fato dos Bonfinenses. Onde buscou-se entrevista prioritariamente moradores residentes, e com nacionalidade brasileira.

Figura 28 A relação com a fronteira



Elaborado por: Alexandre da Silva Cosme, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2016.

Ao nos perguntamos, qual motivo ou circunstância que leva um indivíduo a escolher residir em uma área de fronteira, e durante a pesquisa foi levantado esse questionamento, surpreendendo, foi revelado que o principal motivo é a família, por seus pais ou avós, terem escolhido há muitos anos residir na região de Bonfim, e ali construíram laços com a localidade, e seus descendentes esses os entrevistados, permanecem morando em Bonfim, outro parte desses entrevistados responderam que emigraram para a região devido a oportunidade de emprego principalmente na rede pública, em áreas que necessitam de mão de obra qualificada como, professores, médicos, entre outras áreas, (Figura, 28).

Levou-se em consideração a composição étnica da população é formada por brancos, índios, caboclos, mulatos e negros. A cidade de Bonfim encontra-se a 125 km de Boa Vista capital do estado, o acesso é pela BR-401. Os municípios mais próximos que interliga a sua sede são: Normandia 90 km e o município do Cantá 130 km (IBGE, 2010).

Bonfim apresenta vários pontos positivos e negativos, o bonfinense vê com otimismo, e de modo positivo morar em Bonfim, onde foi perguntado aos entrevistados, se poderiam falar palavras de qualificassem Bonfim, e maciçamente as respostas eram que a cidade é boa de morar, bonita e tranquila.

Onde se mostra que apesar de vários problemas de infraestrutura urbana e o comércio local não atende os anseios da população, a dependência parcial do

comércio de Lethem no que tange a geração de postos de trabalho, preferem morar em Bonfim, e manter uma relação agradável e harmônica com o local o qual reside.

Algumas insatisfações também foram apresentadas, como a questão da pequena quantidade de áreas de lazer em Bonfim, já que a cidade dispõe somente de duas praças públicas sendo que, somente uma de fato possui estrutura para receber a população.

Alguns pontos têm que ser levados em consideração neste trabalho de mestrado, é o modo como os seus habitantes o qualificam como uma cidade pacata, não apresenta os objetos de outras cidades com o frenesi noturno, compostas por casas noturnas, bares com música ao vivo, festas, com grande aglomeração de pessoas. Não quer dizer que Bonfim não apresenta essas ferramentas, não, só ocorre de maneira esporádica.

Essas características geralmente se encontram em cidades interioranas, outra dificuldade encontrada é a escassez de áreas de lazer e recreação, como praças públicas, clubes, apesar de Bonfim apresenta duas praças mas não atende de maneira satisfatória a população local.

Outro impasse é a questão da segurança pública e fronteira, que foi muito criticada por habitantes no ato das entrevistas, sendo que não se consideram seguros, devido a ineficiência da polícia local, apesar de que os índices de criminalidade são baixas, devido ao tamanho da população ser pequena. Com relação a segurança da fronteira, foi relatado que a mesma não existe devido a facilidade no tráfego da fronteira. Apesar da existência do ponto aduaneiro na fronteira no lado brasileiro composto pela polícia federal, receita federal e vigilância sanitária federal.

Onde os vários fatores aqui expostos, através dos relatos dos inúmeros moradores indica que estão satisfeitos em residir e fazer parte da sociedade de Bonfim, e que as problemáticas que implicam em estar situado em uma área de fronteira influencia do modo positivo no seu modo de viver.



A PAISAGEM PERCEBIDA A PARTIR DA FRONTEIRA: O RIO TACUTU

4. A PAISAGEM PERCEBIDA A PARTIR DA FRONTEIRA: O RIO TACUTU

Esta seção tem como objetivo apontar as percepções apresentadas através da paisagem a partir da fronteira, o rio, buscando compreender o modo como o indivíduo vê essa fronteira, a sua gênese e sua ligação com o seu observador.

A compreensão do espaço e os elementos da paisagem, varia devido o ponto de vista de indivíduo para indivíduo. Um comerciante, um pescador, um funcionário público e um ribeirinho enxergaram o espaço, a sua organização, de uma forma distinta devido sua percepção. Dessa forma, o termo paisagem torna-se corriqueiro nos estudos geográficos.

Conforme Oliveira e Machado (1972) as interações entre o homem e a paisagem há uma contínua permuta e influência mútua entre o mundo exterior e o mundo pessoal interior. Assim, os mundos interior e exterior estão sempre interligados no funcionamento de um organismo humano; eles interagem e evoluem juntos, e as trocas funcionais entre o indivíduo e o meio exterior comportam dois aspectos interdependentes: o cognitivo e o afetivo. A vida cognitiva e a vida afetiva são inerentes, a pesar de distinta. Não podem ser separadas por que toda troca com o exterior supõe ao mesmo tempo uma estruturação e uma valorização, não podendo uma reduzir-se a outra.

Assim a relação estabelecida entre os moradores da área urbana de Bonfim e o rio Tacutu, vai além de um marco de fronteira e um rio em si, e sim um objeto que compõe e faz parte da vivência, de suas lembranças, agregando um valor sentimental de alguma forma a essa população que o utiliza, e o grau de relação entre o homem e o rio vai influenciar no modo como o percebe.

Segundo Tuan (1980), não é possível a experiência de maneira direta, um grande espaço com fronteiras; para o indivíduo, a sua aquisição de certos tipos de conhecimentos.

No entanto levar em consideração suas percepções, valores agregados no decorrer de sua vivência, irão lhe estruturar, para a formação de sua identidade, como indivíduo único e assim contribuir para a formação ou construção da identidade na sua localidade.

O espaço percebido, o rio Tacutu apresenta inúmeras percepções através de seus observadores, os moradores da cidade de Bonfim.

4.1 A FORMAÇÃO DO RIO

Para abordarmos a gênese do rio Tacutu (Figura 29), precisou-se compreender seus muitos significados, como recurso natural, como fronteira, como elemento da paisagem.

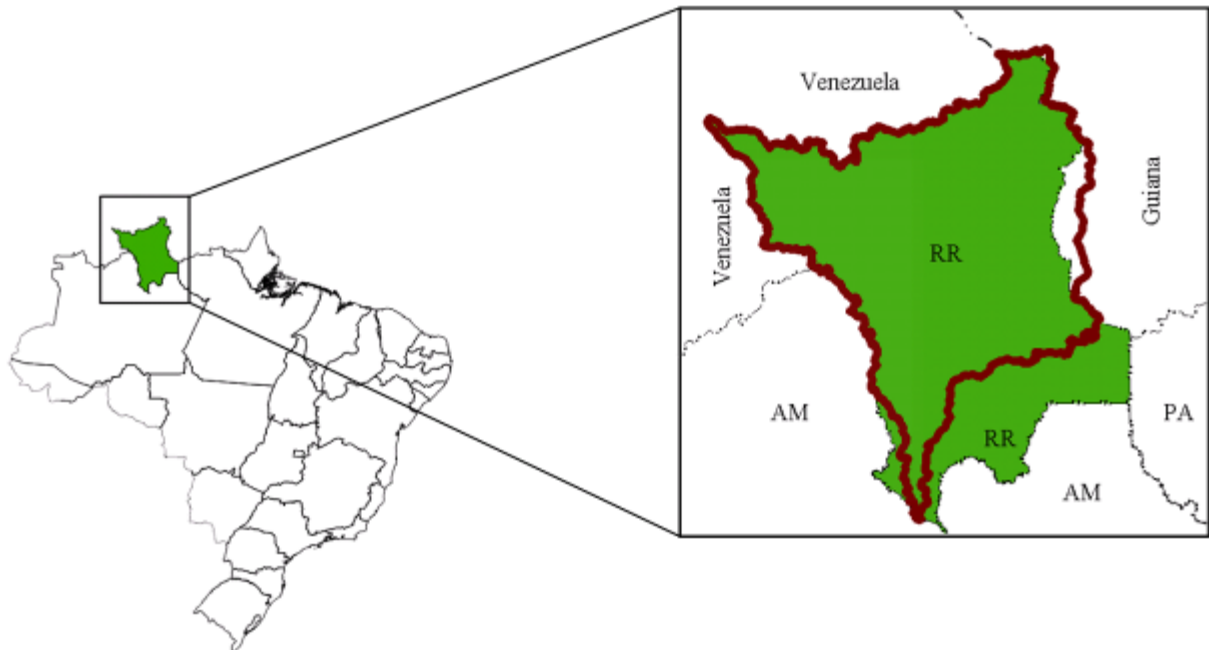
Figura 29 Rio Tacutu, mostrando sua beleza natural



Fotografia: Alexandre da Silva Cosme, 2016.

O rio Tacutu compõe a bacia hidrográfica do rio Branco (Figura 30), tem cerca de 192.000 km² de área. Localiza-se predominantemente (cerca de 96% da bacia) nos estados do Amazonas e Roraima, e parte está inserido na Guiana, através do rio Tacutu. Segundo dados de EPE – empresa de pesquisa energética (2016).

Figura 30 Localização da bacia hidrográfica do Rio Branco



Fonte: EPE - Empresa de Pesquisa Energética, 2016.

IBGE (2016) relata que a construção do Forte São Joaquim na confluência dos rios Uraricoera e Tacutu, em 1775, foi um marco decisivo na conquista do rio Branco pelos portugueses. A decisão para construir o Forte São Joaquim, foi tomada para que, a partir do Forte, os portugueses pudessem enfrentar a cobiça internacional e assegurar a soberania de Portugal sobre as terras do vale do Rio Branco. Após o domínio na região, os portugueses partiram para a criação de povoados reunindo os próprios índios da região. Foram criados: Senhora da Conceição e Santo Antônio (no rio Uraricoera), São Felipe (no rio Tacutu) e Nossa Senhora do Carmo e Santa Bárbara (no rio Branco). Como os índios não se sujeitaram às condições impostas pelos portugueses aos povoados, eles não se desenvolveram.

Pode-se perceber o aparecimento dos primeiros aglomerados populacionais, tendo sua origem ainda em 1775, recebendo nome de povoado São Felipe, as margens do rio Tacutu, com a finalidade de mostrar a presença portuguesa na região.

Assim o rio em estudo está envolvido em uma disputa territorial onde foi decidido demarcar a nova fronteira entre o Brasil e a Guiana. A disputa pelas terras com a Inglaterra só terminou definitivamente em 1904, com a arbitragem do

soberano italiano Vítor Emanuel II, que tirou do Brasil o trecho do Pirara, incorporado à então Guiana Inglesa.

Segundo, Oliveira e Magalhães (2016), o termo Pirara denomina um rio da Guiana localizado próximo dos atuais territórios da fronteira entre os rios Cotingo-Tacutu e Buroburo-Essequibo, a leste de onde hoje está o atual estado de Roraima. No passado, segundo informações de estudos antropológicos, Pirara era uma maloca Makuxi, situada na margem sul de um igarapé do mesmo nome e que, na segunda metade do século XIX, quando a maloca já havia desaparecido, tornou-se referência ao processo de demarcação do território entre Brasil e Guiana.

Os dois países escolheram como marcos de fronteiras os rios dessa região pertencentes a bacia do rio Essequibo-Rupununi, no caso da Guyana, e a bacia do rio Branco, no caso do Brasil.

A utilização de rios como marcos de fronteira por cidades e até países, as fronteiras sendo redimensionadas como o ocorrido entre a tríplice fronteira Brasil, Guyana e Venezuela, acarretará em mudanças no modo como se vê esse espaço, através do tempo.

Continua, Oliveira e Magalhães (2016), aponta que em 1814, esse território holandês na Amazônia foi formalmente entregue para o reino Britânico durante a Convenção de Londres. Alguns anos depois, em 1831, as colônias do Essequibo, Berbice, Demerara foram unificadas como Guiana Britânica, permanecendo assim até 1966, quando ganharam a independência do controle do Império Britânico. Nesse sentido, o território circum-Roraima foi dividido na tríplice fronteira nacional: Brasil, Guiana e Venezuela.

O após o episódio acima relatado, o rio Tacutu adquiriu uma nova função de marco de fronteira, separando através de suas margens os países Brasil e a Guiana, recortando o espaço e dando uma nova conjuntura ao mesmo, tendo um papel fundamental na formação dos vilarejos e hoje já lavadas ao exato de cidade como Bonfim que é o foco desta dissertação, ainda o rio pode agregar novas funções como fonte renda e meio de transporte, como foi citado no início desta pesquisa, onde essas várias funções, é o resultado do olhar de cada observado, gerando as percepções do rio Tacutu.

Conforme IBGE (2016), o Tacutu teve sua história marcada, por ser o primeiro rio a se achar diamante no estado de Roraima, datando de meados de 1917, onde foi despertado o interesse por mineração do diamante na região.

Dados fornecidos pelo IBGE (2016), afirmam que o município de Bonfim conta com duas colônias agrícolas divididas em 255 lotes e cinco vicinais. O arroz irrigado e a soja apresentam produção em nível comercial, no caso do cultivo da soja está em processo de desenvolvimento na região, onde a principal fonte de recurso hídrico para esses cultivos no município de Bonfim provém do rio Tacutu e seus afluentes.

4.2 A PERCEPÇÃO EM RELAÇÃO AO RIO TACUTU

Dentro da área urbana de Bonfim e seus atores, os moradores da localidade, esses estabeleceram diferentes pontos de vistas com relação ao rio fronteiro, que vai desde percepções positivas como um bom lugar para se admirar, apresentando uma conotação de elemento da paisagem até uma percepção negativa, como um lugar sujo e não encontramos mais peixes no rio, esse ponto de vista está vinculado ao modo como esse indivíduo utiliza o rio, que serão apresentados através dos relatos colhidos de entrevistas realizadas com os moradores de Bonfim, com a finalidade de compreender a percepção que os mesmos possuem com relação ao rio.

Dependendo do grau de relacionamento estabelecido com o rio, pode gerar uma referência de lugar, onde o indivíduo que nasceu, cresceu, em um lugar como Bonfim, tendo o rio margeando sua franja urbana, acaba estabelecendo vínculos sentimentais, com esse rio, sentimentos como gratidão, saudade, beleza, felicidade, paz, tranquilidade, ou até sentimentos negativos, como tristeza, rancor, o feio, que essa gama de sentimentos acaba interagindo com o morador de Bonfim, e influencia diretamente no modo como ele vê o rio estudado.

Esse poder de agregar sentimento através do rio é tão grande que, as pessoas acabam associando o lugar ao rio, do que o rio ao lugar, devido ao alto grau de vínculo estabelecido com o rio, que vai desde o hábito de pescar, até brincadeiras infantis como correr a beira das margens do rio, que pode levar a uma nostalgia com o passar dos anos. O rio reafirmando suas várias funções com o passar do tempo.

Durante a entrevista foi realizada inúmeras perguntas aos moradores de Bonfim, entre elas, o que o rio Tacutu representa para você? qual a importância da

ponte Olavo Brasil Filho, para você? Como era no tempo da balsa? o que levou as pessoas a morarem próximo a margem do rio Tacutu?

Através dessas perguntas pode-se compreender a relação e o modo como o indivíduo vê o rio.

Segundo o relato do entrevistado SILVA (2016), vê o rio como um marco de fronteira, e que antes de existir a ponte, a travessia era feita através de balsas (Figura 31), que levavam a população da margem brasileira até a margem Guianense, a fim de fazer compras no comércio estrangeiro.

Figura 31 Comércio da balsa na margem do rio Tacutu



Fonte: Antônio Diniz - Folha de Boa Vista, 2016.

E devido à lentidão do traslado, que gerava um congestionamento de veículos a margem do rio, aguardando o traslado, para outra margem, através da balsa (Figura 23) as balsas auxiliavam, aquecendo o comércio informal que suscetivelmente movimentava o comércio em Bonfim, o qual oferecia principalmente alimento para o turista que aguardava sua vez de atravessar na balsa, que devido à demora muitas vezes se via obrigado a consumir alimentos nos restaurantes situados na margem do rio no lado brasileiro.

A construção da ponte Olavo Brasil Filho, situada sobre o rio Tacutu, facilitou o traslado entre as fronteiras, uma vez que não se tinha a necessidade de aguardar

a balsa para travessia, os turistas passaram a utilizar a rodovia RR 401 ligada diretamente através da ponte a Lethen (Figura 32, 33 e anexo 3) assim o comércio que dependia dos turistas que aguardavam a travessia da balsa desapareceram, junto com as balsas.

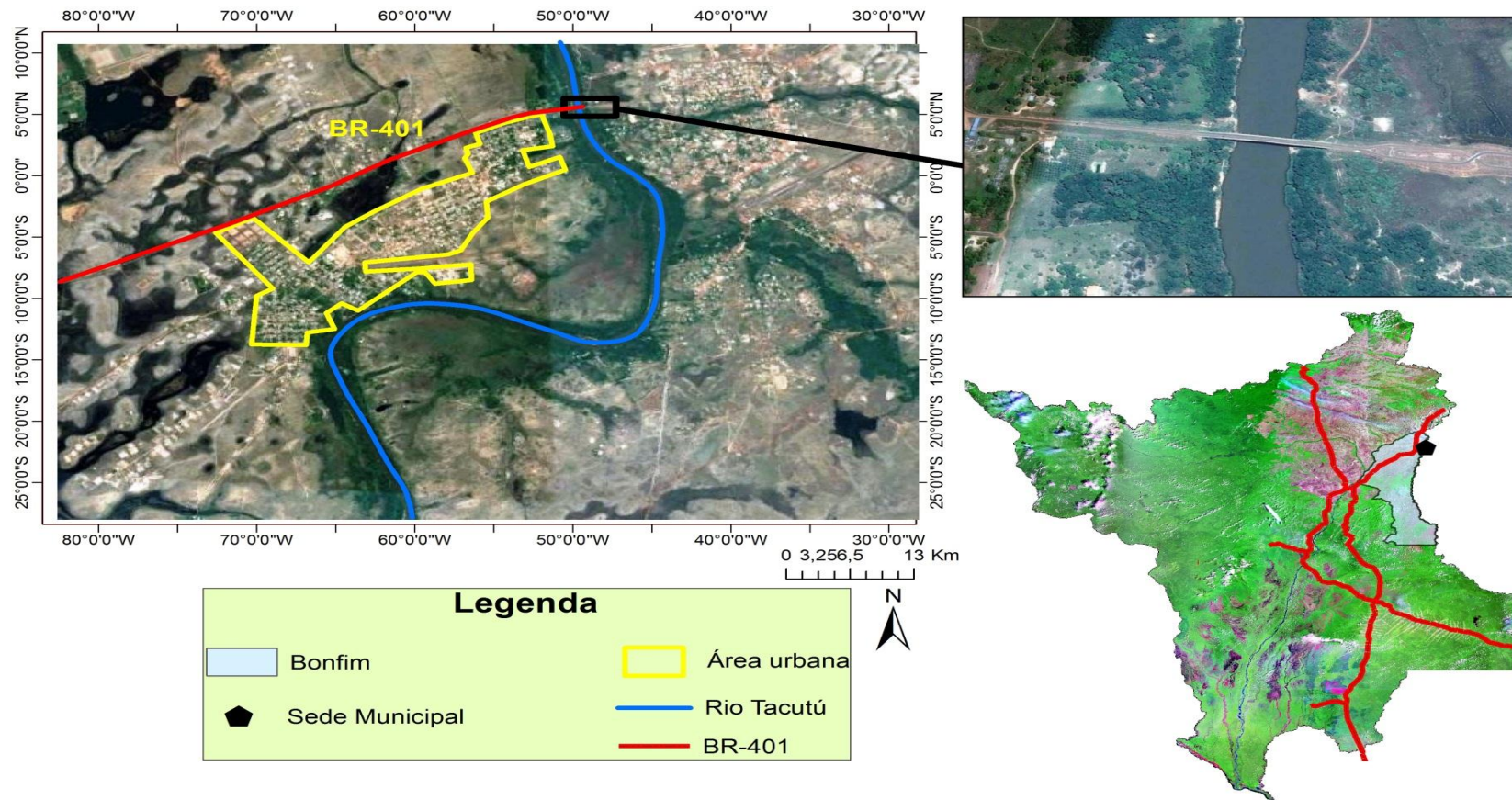
Figura 32 Ponte sobre o rio Tacutu e a travessia por balsa



Fonte: Ecoviagens, 2016.

A população de Bonfim que tinha sua renda atrelada a esse comércio, ficou em dificuldade com o fim das operações da balsa.

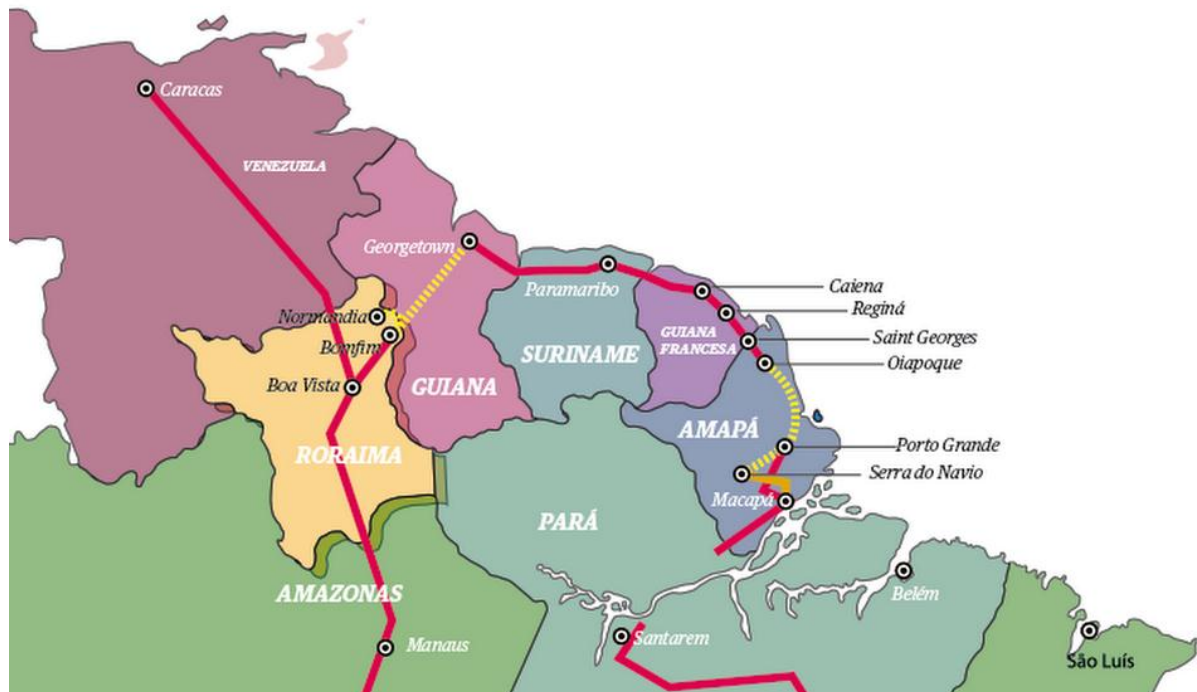
Figura 33 Mapa apontando a ponte sobre o rio Tacutu



Fonte: Modificado por Alexandre da Silva Cosme da base cartográfica do Google Earth, 2016.

Em contra partida a função integradora que a ponte possui é visível (Figura 34), podendo ser afirmada a partir da criação através da lei Nº. 1272, de 22 de setembro de 2010. Foi publicado no diário oficial da união no dia 30 de junho de 2010 criando a ZPE - Zona de Processamento de Exportação em que visa a utilizar a fronteira e a transpor através da ponte sobre o rio Tacutu para escoar as produções do estado de Roraima, para o Caribe, assim o Bonfim ganha o status de ponto estratégico para o crescimento do estado (PREFEITURA, 2016).

Figura 34 Zona de Processamento de Exportação – ZPE



Fonte: Governo do estado de Roraima, 2016.

Outro modo de se utilizar o rio é através da pesca mas devido o volume de água no rio, vem diminuindo ano após ano, assim dificultando a prática da pesca no Tacutu, onde os pescadores que antes tiravam seus sustento do rio, hoje vão em busca de renda em outras localidades e até desistindo da profissão de pescar e optando por outra forma de trabalho. Leva ao problema de escassez de fonte de renda em Bonfim para o centro da discussão novamente, muitas vezes esta necessidade de fonte de renda é suprida no outro lado da fronteira.

Segundo o entrevistado Silva (2016)⁷ as casas próximas a margem do rio, são utilizadas principalmente, para o lazer e o rio como uma beleza natural, como parte da paisagem (Informação verbal).

O relato da entrevistada Silva (2016)⁸ vê o rio como uma beleza natural, e está sendo contaminado e não preservado. E a ponte sobre o rio, representa o desenvolvimento da região. Ao ser indagada com relação as moradias próximas as margens do rio, relata que essa ocorrência se dá devido a falta do desenvolvimento no município (Informação verbal).

Como podemos observar dois indivíduos apresentam percepções distintas acerca do rio, enquanto o primeiro entrevistado se reporta ao rio com um olhar nostálgico, de situações vividas pelo mesmo na região, dando ênfase as perdas obtidas pela população local devido a constrição da ponte Olavo Brasil Filho, a segunda entrevistada, afirma que a ponte representa o desenvolvimento, o novo, o atual, o moderno. O rio está sendo abordado de pontos de vistas diferentes gerando resultados diferentes.

Algo que surpreendeu foi o depoimento do entrevistado Souza (2016)⁹ ao ser perguntado o que rio Tacutu representa para você? Sua fala foi categórica, não significa nada, onde o rio não apresenta um significado ou vínculo, onde mostra que o entrevistado não estabeleceu um vínculo sentimental com o rio (Informação verbal).

Conforme depoimento de Lira (2016)¹⁰ relata uma visão diferente do modo como é usado o rio Tacutu, onde o rio frequentemente é utilizado como rota de descaminho de produtos do tráfico, entre esses produtos como entorpecentes, armas de fogo, onde o entrevistado relata a fragilidade que a fronteira apresenta, onde a função que o rio apresenta de fronteira como divisor, separador, controlador, não é respeitada, por esses praticantes do tráfico, onde essa divisão de territórios simplesmente não é levada em consideração (Informação verbal).

⁷ SILVA, Fabiano do Nascimento. Entrevista VI [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice desta dissertação.

⁸ SILVA, Ednalva Vieira. Entrevista VII. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice desta dissertação.

⁹ SOUZA, Renner Costantino. Entrevista VII. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice desta dissertação.

¹⁰ LIRA, Josimá da Silva. Entrevista VII. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice desta dissertação.

Para Lima (2016) ¹¹ o rio Tacutu está vinculado a sua infância, pois segundo a mesma desde sua infância a entrevistada mantém um vínculo com o rio, brincando em suas margens, pescando, nadando, e hoje quando olho para o rio, relembro de minha infância (Informação verbal). Onde a mesma atribuiu um valor sentimental ao rio, ao relacioná-lo a sua infância.

Após alguns depoimentos de moradores da área urbana de Bonfim, expondo seu vínculo com o rio, o modo como ele vê o rio, podemos perceber que não há uma percepção acerca do rio e sim várias percepções o objeto aqui percebido o rio Tacutu.

A percepção auxilia a compreender a forma de expor a relação estabelecida entre o observador e o objeto observado, aqui o rio Tacutu, onde o mesmo aponta desde sua gênese, a sua vocação para o destaque na conjuntura espacial como fronteira e elemento da paisagem, entre suas multi ou pluri percepções mostradas nesta pesquisa.

¹¹ LIMA, Roberta I.E. de Almeida. Entrevista VII. [Novembro. 2016]. Entrevistador: Alexandre da Silva Cosme. Bonfim, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice desta dissertação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação visa estabelecer conclusões a respeito do trabalho e sugerir algumas recomendações para futuros trabalhos relacionados à percepção sobre o modo de viver fronteira, tendo como norteamento o objetivo geral, avaliar a percepção dos moradores do perímetro urbano do município de Bonfim-RR em relação à área fronteira entre Brasil e a República Cooperativista da Guiana.

Onde as principais conclusões foram geradas baseando-se nos objetivos específicos que consistem em caracteriza percepção e fronteira no contexto geopolítico da cidade, identificar as relações estabelecidas entre os moradores dos dois lados da fronteira, apontar os elementos positivos e negativos na relação que se estabelece com a outra fronteira, analisar a relação da população com o rio Tacutu, enquanto elemento da paisagem e marco da fronteira, onde pode-se chegar aos seguintes resultados.

Apresentar uma fronteira com costumes diferentes e distintos, onde estabelecem relações entre duas cidades fronteiriças, agregando a essa relação estabelecida, conflitos como soberania, a questão da divisão do espaço, a convivência mútua neste espaço, assim caracterizando a percepção da fronteira no contexto geopolítico da cidade, identificou-se as relações estabelecidas entre os moradores dos dois lados da fronteira, em uma abordagem perceptiva, apontando os elementos positivos e negativos.

Dentre algumas características das relações estabelecidas nesta faixa fronteira, podemos apontar como exemplo o turismo comercial, que ajuda a integrar as cidades de Bonfim e Lethem, este fato se deu uma vez que o lado guianense da fronteira desponta com o papel de fornecedor de produtos industrializados, que vendem uma vasta gama de produtos importados, que vão desde vestuário, calçados, utensílios domésticos, entre outros, com um valor abaixo do mercado brasileiro.

Onde a relação estabelecida entre Bonfim e Lethem pode ser enquadrada como sinapse, por apresentar um grau elevado esses adensamentos populacional cortados pela linha de fronteira sendo essa fluvial, articulada, por obra de infraestrutura, a ponte apresenta grande potencial de integração econômica e

cultural, assim como manifestações de problemas característicos de fronteira, como conflitos de interesse econômico, étnico, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional.

Levando em consideração a gênese dessa fronteira, o modo como se deu sua formação, as relações estabelecidas no decorrer dos anos, são a consequência da consolidação desta fronteira, onde as potencialidades dessas relações, podem levar ao desenvolvimento de ambos os lados da fronteira, nesse caso a economia da cidade de Lethem na Guiana é mais aquecida, este fato se justifica pelas diversas relações que são estabelecidas com outras cidades através do seu comércio.

Dessa maneira percebe-se que a fronteira nasce da diferença, pois nela diferentes relações e concepções de vidas são identificadas, devido as diferenças entre as inúmeras pessoas que transitam nesta fronteira, pois encontramos pessoas de diferentes estados de origem, trazendo consigo um calhamaço cultural que diferencia pessoa a pessoa, alterando o lugar onde está inserido.

Devido a boa relação política estabelecida entre os dois lados da fronteira, algumas famílias oriundas da Guiana conseguem dupla cidadania e estabelecem sua moradia no lado brasileiro da fronteira, onde foi relatado por moradores bonfinenses, que esses moradores com dupla nacionalidade passam a ter acesso a alguns benefícios sociais como saúde, educação e moradia, através de programas nacionais brasileiros, que acaba despertando um sentimento de reprovação dos Bonfinenses, dessa prática feita por famílias de origem Guianense.

Em contrapartida os entrevistados externalizarão a satisfação em poder trabalhar no comércio de Lethem, e a justificativa para essa satisfação é a cidade de Bonfim, não possui essa capacidade de gerar emprego para sua própria população, já grande parte dos empregos é composta pela economia do contra cheque com cargos públicos federais, estaduais e municipais e pequenos comerciantes e quanto o comércio de Lethem ganha a conotação de provedor do sustendo de inúmeras famílias em Bonfim, que não se enquadram as funções acima citados, assim estreitando os laços entre Bonfim e Lethem.

Porém, Bonfim possui uma perspectiva de crescimento real, uma vez que políticas públicas federais estão sendo realizadas no sentido de intensificar o uso da fronteira, onde a RR – 401. A rodovia está passando por um processo de duplicação, a fim de poder comportar o escoamento de grãos e outros produtos

através das fronteiras, para exportação com intermédio do porto de Georgetown – GY, assim destinando os produtos por todo o Caribe.

Compreende-se que seja necessário aprofundar os estudos sobre o modo que vivem as populações em áreas fronteiriças, principalmente as faixas de fronteira brasileira, devido sua grande extensão e a literatura da mesma é vasta para levantamentos bibliográficos, mas se faz necessária discussões ainda mais profundas. Que esta pesquisa possa contribuir para aumentar as referências sobre este tema que é tão importante no contexto da produção do espaço e território Amazônico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M. A.; RIGOLIN, T. B.. **Geografia**. Ática, São Paulo, 2002.

AMORIM Filho, O. B. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais In: DEL RIO, V. & Oliveira, L. (orgs.) **Percepção Ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Universidade de São Carlos / Studio Nobel, 1996.

AUBERTTIN, C., org. **Fronteira**. BECKER, B. K. et al. Brasília: Unb, 1988. 250 p.

BARBOSA, T. M. S.; FILHO, A. R.. AS PEQUENAS CIDADES DA AMAZÔNIA SETENTRIONAL: Um estudo sobre Bonfim-RR. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v.9, n.19, jan./abr. de 2015. p.36-61.

BECKER, B. K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1990. 112 p.

_____. **Amazônia**: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 168 p.

BERQUE, A. Paisagem – Marca, Paisagem – Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural In: CORRÊA, R. L. & Rosendahl, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. 197 p.

BOA VISTA. Prefeitura. **Zona de processamento de exportação – ZPE**. Disponível em <http://www.boavista.rr.gov.br/zpe> Acesso em: 14 de Dez. de 2016.

BOJUNGA, C.; PORTELA, F. **Fronteiras**: viagem ao Brasil desconhecido. São Paulo: Omega, 1978. 230 p.

BRAGA, R. M. O espaço geográfico: um esforço de definição. São Paulo, GEOUSP – Revista - **Espaço e Tempo**, Nº 22, 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. - IBGE, **Roraima - Bonfim**. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=140015&search=rora%20ma|bonfim> Acesso em: 16 de Novembro de 2015.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Cartilha do programa de desenvolvimento da faixa de fronteira.** Disponível em <http://www.mi.gov.br/cartilha-pdf>. Acesso em: 20 de Dez. de 2016.

BRASIL. Portal da transparência Brasil. **Salário mínimo 2016.** Disponível em http://www.portalbrasil.net/salariominimo_2016.htm Acesso em: 06 de Jan. de 2017.

ESPANHA. Consulado da Espanha. **Oficina de informação diplomática.** Disponível em http://www.exteriores.gob.es/Documents/FichasPais/GUAYANA_FICHA%20PAIS.pdf Acesso em: 06 de jan. de 2016.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000. 352 p.

CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia.** Rio Claro: Difel, 1982. 318 p.

CLAVAL, P. **Terra dos Homes: a geografia uma apresentação.** São Paulo. Contexto, 2010.143 p.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1995. 93 p.

DEL RIO, V. e OLIVEIRA, L. de. **Percepção Ambiental: a experiência Brasileira.** São Paulo; UFSCAR, 1996.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas.** Gaia, São Paulo, 1992.

ECOVIAGEM. **Cidade de Bonfim.** Bonfim, 2016. Disponível em <http://ecoviagem.uol.com.br/blogs/brasilzao/boletins/bonfim-onde-o-brasil-encontra-a-guiana-8325.asp> Acesso em: 14 dez. 2016.

Empresa de Pesquisa Energética – EPE. **Diagnóstico socioambiental.** Disponível em: <http://www.epe.gov.br/MeioAmbiente/Documents/AAI%20Branco/9%20%20Inventario%20Hidretrico%20Branco%20-%20Diagnostico%20Socioambiental%20-%20Parte%201.pdf> Acesso em: 14 de Dezembro de 2016.

FANI, A.; CARLOS, A. **Novos caminhos da geografia.** São Paulo: Hucitec, 1996. 236 p.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Contexto, 2002. 204 p.

FERRARA, L. D' A. As Cidades Ilegíveis. Percepção Ambiental e Cidadania. In: DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. (orgs.) **Percepção Ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Universidade de São Carlos /Studio Nobel, 1996.

FERRO, G. **Sociedade humana e ambiente, no tempo**: temas e problemas de geografia histórica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979. 334 p.

GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. **Geografia humana**: sociedade, espaço e ciência. Rio de Janeiro: Jorge Zahard, 1996. 310 p.

GUERRA, J. T.; CUNHA, S. B. da. **Impacto Ambientais Urbanos no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Betrad Brasil, 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003. 349 p.

IBGE. Projeto Levantamento e Classificação da Cobertura e do Uso da Terra. **Uso da Terra no Estado de Roraima**. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95890.pdf>. Acesso em: 14 de Dezembro de 2016.

Jornal Folha de Boa Vista. **Atravessadores aproveitam a seca do rio**. Disponível em <http://www.folhabv.com.br/noticia/-Atravessadores-aproveitam-a-seca-do-rio/1221> Acesso em: 16 de Dezembro de 2016.

Jornal G1 Roraima. **Justiça suspende construção da área de livre comércio**. Disponível em <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2015/11/justica-suspende-construcao-da-area-de-livre-comercio-de-bonfim-em-rr.html> Acesso em: 20 de Dezembro de 2016.

KANT, I. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MARTIN, A. R. **Fronteiras e Nações**. São Paulo: Contexto, 1992. 91 p.

MOREIRA, R. **O que é geografia**. Brasiliense, São Paulo, 2012.

NOGUEIRA, J. B. R. **Amazonas: a divisão da monstruosidade geográfica**. Manaus: EDUA. 2007. 2019 p.

OLIVEIRA, L. de. **A Percepção da Qualidade Ambiental: a ação do homem e a qualidade ambiental**. Rio Claro: ARGEO/Câmara Municipal de Rio Claro, 1983.

OLIVEIRA, L. & MACHADO, L. M. C. **O Controle da Erosão e a Percepção Ambiental**. In: 40 Simpósio Nacional de Controle de Erosão. Anais (...). ABGE. Marília, 1987.

_____. **A Percepção da Paisagem como Metodologia de Investigação Geográfica**. Rio Claro: UNESP, 1972.

OLIVEIRA, R. G. de; MAGALHÃES, M. das G. D. **Questão do Pirara: Roraima**. Revista Textos e Debates, Boa Vista, v.1 , n. 1,. Disponível em <http://revista.ufrb.br/index.php/textosedebates/article/viewfile/878/723>. Acesso em: 06 de jan., de 2016.

PENNA, A. G. **Percepção e realidade: introdução ao estudo da atividade perceptiva**. 3. ed. Rio de Janeiro: Mercúrio, 1982. 178 p.

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V. da. **Educação Ambiental e Desenvolvimento sustentável: problemáticas, tendências e desafios**. Fortaleza: UFC, 2009.

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V. da; CAVALCANTE, A. P. B.. **Geoecologia das paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. UFC, Fortaleza, 2010. 222 p.

ROSA FILHO, A. **Percepção Geográfica de Escorregamentos de Encostas em Favelas nas Áreas de Risco-Campos do Jordão- SP**. 2006. 321 p. Tese (Doutorado – instituto de Geociências e Ciências Exatas). UNESP, Rio Claro, 2006.

ROSA FILHO, A.; NETA, L. C. B. (Org.). **Bonfim Um Olhar Geográfico**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2013.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2008. 386 p.

_____. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2008. 176 p.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 473 p.

SOUZA, M. A. A.; SANTOS, M.; SCARLATE, F. C.; et al. **O novo mapa do mundo: natureza e sociedade de hoje:** uma leitura geográfica. 3.Ed. São Paula: Hucitec, 1997. 244 p.

SOJA, E. W. **Geografia pós-moderna:** a reafirmação do espaço na teoria social. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahard, 1993. 324 p.

TUAN, Y. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.

XAVIER, H.; OLIVEIRA, L. **A percepção e a Representação do espaço Geográfico.** Artigo (Revista pedagógica) 1991.

APÊNDICE

APÊNDICE – A - ENTREVISTA APLICADA AOS MORADORES DE BONFIM



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPG-GEO**

Prezado (a),

Esta entrevista faz parte do PPG-GEO, linha de pesquisa: Produção do território Amazônico da Universidade Federal de Roraima, desenvolvido por Mestrando Alexandre da Silva Cosme e Orientado por Dra. Maria Barbara de Magalhães Bethonico, para entender sua problemática existente na cidade de Bonfim - RR, no tocante ao seu desenvolvimento sócio-espacial em uma área de fronteira.

Necessito fazer uma análise da percepção exposta por sua pessoa, no que se refere à forma, função estrutura e processo de alguns objetos da paisagem da área urbana de Bonfim. Solicito, para isso, sua colaboração e participação, respondendo a esta entrevista de pesquisa.

Agradeço, antecipadamente, sua participação e colaboração.

Atenciosamente,

Alexandre da Silva Cosme

DADOS DO ENTREVISTADO	
NOME:	SEXO
	Masc. () Fem. ()
	IDADE:

1 – Você reside em Bonfim – RR?

() Sim () Não

Outro ()

Qual:-----

2 – Caso a resposta seja não, onde reside?

R –

3 - Tempo de residência?

() – 01 ano () 1 a 3 anos

() 3 a 5 anos () + 5 anos

5 - Qual à escolaridade?

() não frequentou a escola

() fundamental incompleto

() fundamental completo

() médio incompleto

() médio completo

() Superior Incompleto

() Superior completo

4 – Qual o bairro que você mora?

Centro ()

Getúlio Vargas ()

São Francisco ()

Cidade Nova ()

Primeiro de Julho ()

13 de Maio ()

() pós- graduado

() outros

Caso sua resposta tenha sido outros, qual?

R –

6 - Qual a sua atividade profissional?

() funcionário público

() setor privado

() autônomo

7 - Qual sua função ou especialidade?

R –

8 – Qual a sua nacionalidade?

R –

9- Qual a sua naturalidade?

R –

10 – Por que você escolheu morar em Bonfim – RR?

R –

11 – Ao olhar a imagem 01, qual a importância da RR 401, para o Bonfim - RR?

R –

12 – Ao ver a imagem 02, no seu ponto de vista, qual foi a contribuição da instalação Zona de Livre Comercio para o desenvolvimento da área urbana de Bonfim? Você acredita que houve benefício para os moradores e para a cidade?

R –

13 – Ao visualizar a imagem 03, você frequenta a praça municipal, Caso sim, qual parte da praça você mais gosta ou caso seja não, por quê? Falta algo na praça? O que você faz na praça? É prazeroso?

R –

14 – Você gostaria de indicar outros locais em Bonfim que você aprecia?

R –

15 – Você gostaria de indicar outros locais em Bonfim que você não aprecia?

R -

16 – Ao olhar a imagem 04, na sua opinião qual a importância do terminal rodoviários intermunicipal para Bonfim e para você?

R –

17- Ao ver a imagem 05, em sua opinião, o comercio de Bonfim supri suas necessidades?

R –

18 – Ao se deparar com a imagem 06, para você, qual a importância da administração pública de Bonfim - RR, para o desenvolvimento de um município em área de fronteira? Você sente que a prefeitura é receptiva?

R –

19 – Ao olhar a imagem 07 (polícia Militar), qual o sentimento lhe traz?

R –

20 – Ao olhar a imagem 08 (conselho tutelar), qual o sentimento lhe traz?

R –

21 – Ao ver a imagem 09, você tem receio em adoecer em Bonfim, e essa situação se agrava por se tratar de uma área de fronteira?

R –

22- Ao se deparar com a imagem 10, você se sente seguro(a), com relação ao policiamento de fronteira?

R –

23 – Ao analisar a imagem 11, para você qual a importância da aduana Brasileira, Polícia Federal, Receita Federal e Vigilância Sanitária Federal?

R –

24- Ao visualizar a imagem 12, o que o rio Tacutu representa para você?

R –

25 – Ao olhar a imagem 13, qual a importância da Ponte Olavo Brasil Filho, para você? E como era no tempo da travessia por balsa?

R –

26 – Ao ver a imagem 14, (inversão de mão de direção de transito), ao mudar de direção de transito da direita(no Brasil) para esquerda (na Guiana), como você se sente?

R –

27 – Ao se deparar com a imagem 15 e 16, no seu ponto de vista, o que levou essas pessoas a morarem próximo margem do rio Tacutu?

R –

28 – Ao visualizar a imagem 17, como você vê o posto aduaneiro Guianense?

R –

29 - A ver a imagem 18 e 19, para você qual a importância do comercio de Lethem para os Bonfinenses?

R –

Espaço destinado a comentários diversos sobre a área de Fronteira (OPCIONAL)

Fale algumas palavras para qualificar Bonfim - RR

APÊNDICE – B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM, APLICADO AOS MORADORES DE BONFIM.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPG GEO**

Eu _____ declaro que fui esclarecido sobre o objetivo do estudo do mestrando ALEXANDRE DA SILVA COSME, aluno do programa de Pós-graduação em Geografia da UFRR e concordo em responder à entrevista sabendo que os dados serão utilizados na produção de um trabalho científica que será apresentado no meio acadêmico, em forma de dissertação, bem como poderá ser divulgado em eventos científicos.

Entrevistado

Alexandre da Silva Cosme

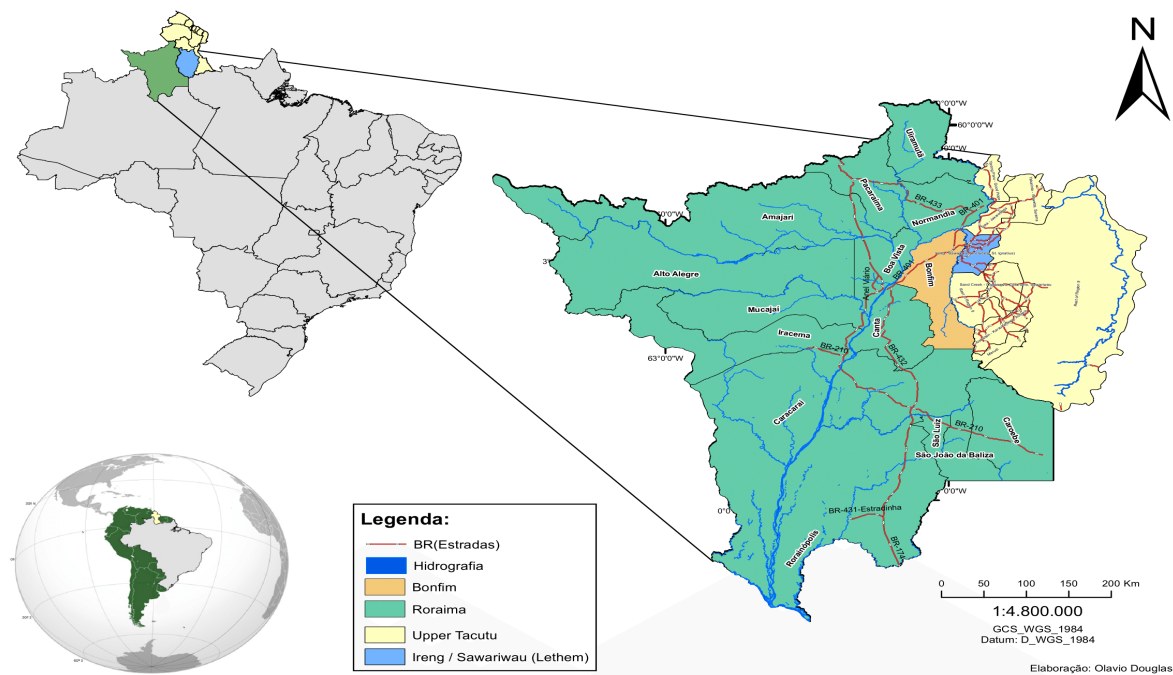
Autorizo, também, o uso das imagens produzidas durante a entrevista.

Entrevistado

ANEXOS

ANEXO 1

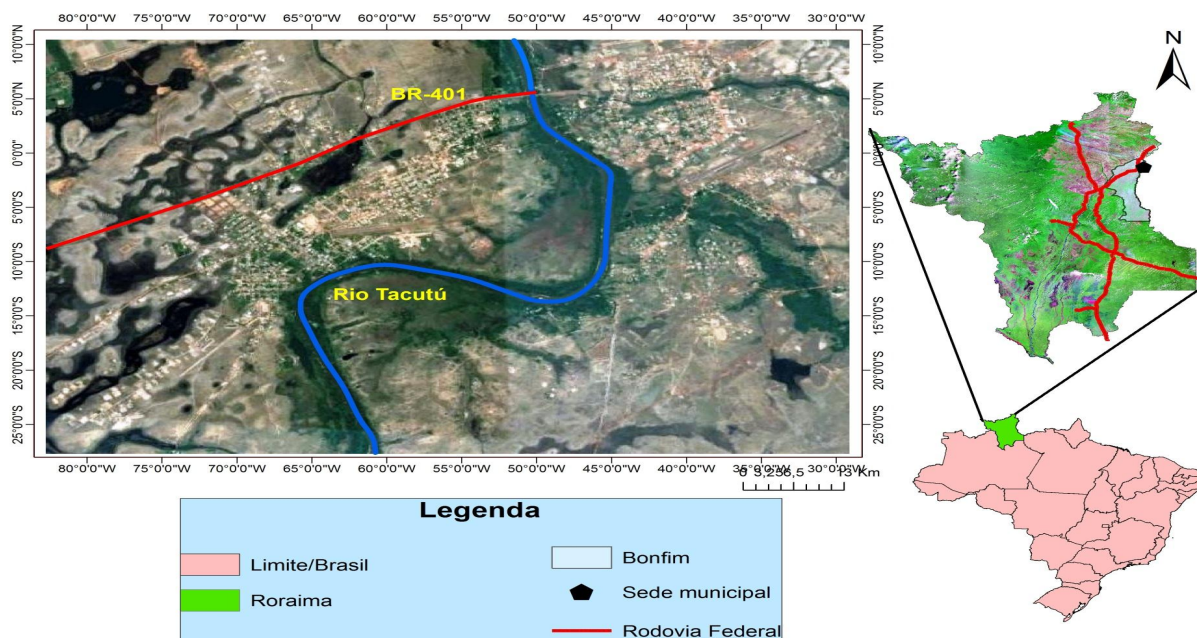
Mapa de localização da área de estudo



Fonte: Modificado por Alexandre da Silva Cosme e Olavio Douglas da base cartográfica do Google Earth, 2016.

ANEXO 2

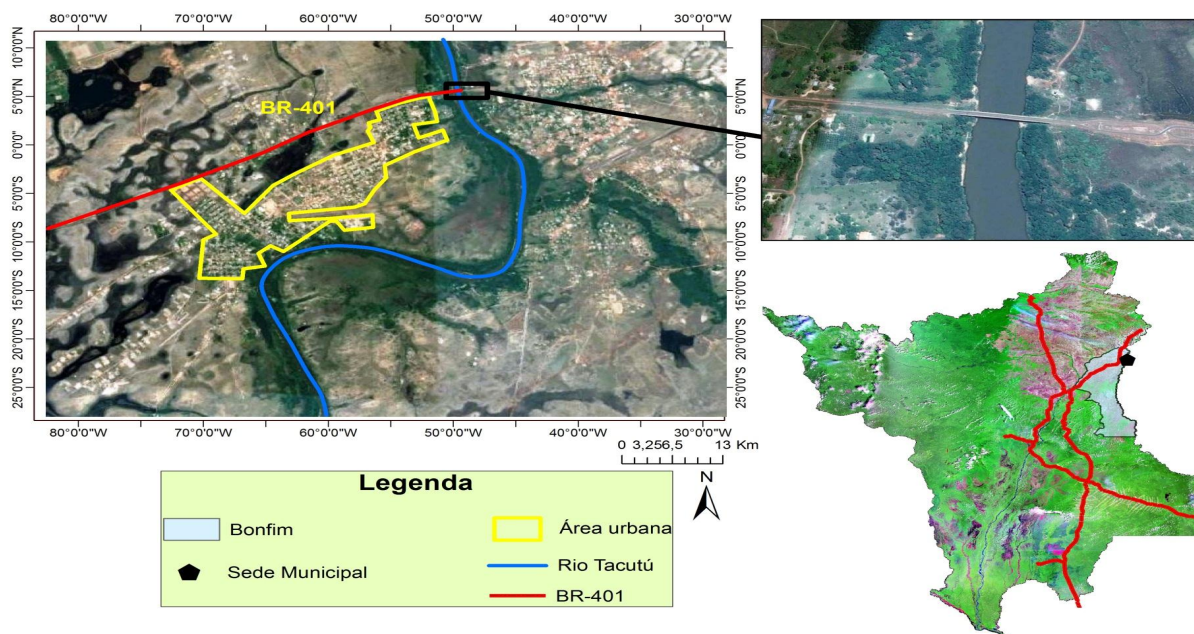
Mapa apontando o rio como fronteira



Fonte: Modificado por Alexandre da Silva Cosme da base cartográfica do Google Earth, 2016.

ANEXO 3

Mapa apontando a ponte sobre o rio Tacutu.



Fonte: Modificado por Alexandre da Silva Cosme da base cartográfica do Google Earth, 2016.